

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

OS GUERREIROS DA PEDRA

ETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL
DOS TRABALHADORES DO CAIS DO PORTO,
PORTO ALEGRE/RS

PATRICK S. BARCELOS

PORTO ALEGRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

OS GUERREIROS DA PEDRA

ETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL
DOS TRABALHADORES DO CAIS DO PORTO,
PORTO ALEGRE/RS

Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra Cornelia Eckert

PATRICK S. BARCELOS

PORTO ALEGRE

2010

BANCA EXAMINADORA

Dra. LILIANE STANISÇUASKI GUTERRES

Dr. RAFAEL VICTORINO DEVOS

Orientadora

Dra. CORNELIA ECKERT

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Sonia e Valdir, pela dedicação constante e por tudo que sacrificaram para me dar as oportunidades que tive.

À Ariana, pela amizade e parceria. Por sempre me incentivar a crescer e nunca me deixar desistir.

À Alessandra, por todos os anos de amizade e apoio.

As minhas orientadoras de bolsa de pesquisa da época do BIEV, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, e principalmente à Rafael Devos, por me ensinarem praticamente tudo que sei sobre etnografia e fotografia.

À Nereu, por abrir as portas do porto e me apresentar à Henrique, Roberto, Bruno, Ferraz, Tigrão, Evaristo e todos os demais trabalhadores do porto. E a todos estes portuários pelas histórias que me contaram.

A todos os meus amigos. Em especial a Eduardo, Laion e Renan, pelas noitadas de poker, vinho barato e pizza fria que passamos discutindo antropologia e sociologia.

E novamente à professora Cornelia Eckert, que foi minha orientadora nessa pesquisa. Obrigado por toda a paciência e confiança.

DEDICATÓRIA

A meus pais, Sonia e Valdir, pelo eterno apoio e paciência.

RESUMO

Este escrito é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada durante os anos de 2009 e 2010 junto aos trabalhadores da capatazia do porto da cidade de Porto Alegre/RS. Levantando questões sobre identidade, trabalho e sociabilidade, a partir das narrativas destes informantes e das fotografias realizadas, esta pesquisa objetiva analisar a constituição da identidade destes trabalhadores.

Palavras Chaves:

Trabalho, Identidade, Sociabilidade, Narrativa, Fotografia, Etnografia.

ABSTRACT

This writing is result of an ethnographic research carried through the years of 2009 and 2010 together the workers of the foremanship of the port of the city of Porto Alegre /RS. Raising questions about identity, work and sociability, from the narratives of these informers and of photographs taken, this research objective to analyze the constitution of the identity of these workers.

Key-Words:

Work, Identity, Sociability, Narrative, Photograph, Ethnography.

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOGRAFIAS	09
INTRODUÇÃO	10
Capítulo I – O PORTO	
I.I – Apresentação	12
I.II – História portuária de Porto Alegre	12
I.II.I – A enchente de 41 e o muro	17
I.III – Atividades no porto	18
I.III.I – Feiras e eventos	18
I.III.II – A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes	19
I.IV – Trabalho no porto	22
I.IV.I – Secretaria de Portos e Hidrovias (SPH)	22
I.IV.II – Orgão Gestor de Mão de Obra (OGMO)	23
I.IV.III – Sindicato	23
Capítulo II – OS GUERREIROS DA PEDRA	
II.I – Apresentação	25
II.II – Entrada em campo	25
II.II.I – “11 de setembro”	26
II.II.II – Trajetórias de trabalho	27
II.II.III – O <i>ethos</i> do trabalho	31
II.II.IV – De etnógrafo à fotógrafo	34
II.III – As Narrativas	40
II.III.I – Trabalho e honra	41
II.III.II – Masculinidade e domesticação dos corpos	52
Capítulo III – NARRATIVAS E FOTOGRAFIAS	
III.I – Apresentação	57
III.II – A constituição da narrativa	58
III.II.I – Narrativas compartilhadas	60
III.III – A grafia da fotografia	63
III.III.I – A fotografia como escrita	65

CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
DADOS TÉCNICOS DAS FOTOGRAFIAS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

LISTA DE FOTOGRAFIAS

O porto	14
Pilares	15
Atracadouro	15
Corda	15
Armazéns e Guindaste	16
Portas	16
O Pórtico	16
Área Infantil da 55ª Feira do Livro	21
Dia do Vinho no Cais	21
Procissão de Navegantes Cais Mauá	21
Tigrão e Nereu	33
Os Guerreiros da Pedra I	33
Comemoração	33
Jogo de Sinuca I	38
Jogo de Sinuca II	38
Jogo de Sinuca III	38
Jogo de Sinuca IV	39
Jogo de Sinuca V	39
Jogo de Sinuca VI	39
Os Guerreiros da Pedra II	51
Os Guerreiros da Pedra III	51
Os Guerreiros da Pedra IV	51
Roberto, Tigrão e Nereu	62
Henrique e Nereu	62
Conversa Circular	62

INTRODUÇÃO

“Os Guerreiros da Pedra” é uma etnografia sobre os trabalhadores da capatazia do porto da cidade de Porto Alegre. A pesquisa foi realizada durante os anos de 2009 e 2010, e teve sua origem no desenvolvimento de pesquisa de iniciação científica com bolsa Fapergs no âmbito do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV)¹, que realiza pesquisas sobre a memória da cidade de Porto Alegre.

A partir de uma pesquisa etnográfica na área portuária no centro da cidade, a meta consistia em tratar da memória coletiva dos *habitués* do porto, bem como de seus trabalhadores, relacionando-as com as transformações urbanas ocorridas na cidade de Porto Alegre. Após desligar-me do projeto BIEV dei continuidade a pesquisa junto aos trabalhadores do cais, objetivando enfatizar a temática da construção social da identidade desses sujeitos sociais.

Contudo, este trabalho está impregnado de peculiaridades e saberes construídos ao longo dos anos de filiação, 2008 e 2009, ao Banco de Imagens. A teoria de Paul Ricouer sobre narrativa (1994), e os estudos sobre etnografia, tempo e imagem de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (Projeto Biev: www.biev.ufrgs.br). Apesar da teoria em comum, o escrito se afasta do antigo projeto no que se refere ao plano metodológico e formal. Pois, esta monografia trata da realização de um texto etnográfico tendo por base as narrativas dos trabalhadores do porto coletadas no processo de pesquisa de campo e convívio com esses sujeitos sociais.

A preocupação aqui apresentada para com a fotografia, narrativa, e a própria disposição do texto, trata de uma tentativa de negociação entre a autoria etnográfica

¹ O BIEV – Banco de Imagens e Efeitos Visuais é um Projeto do Laboratório de Antropologia Social, pertencente ao Núcleo de Estudos sobre Culturas Contemporâneas/NUPECs, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e está sediado no Instituto Latinoamericano de Estudos Avançados/ILEA. Foi criado, em 1997, através de financiamentos obtidos junto à FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - e ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, tendo como objetivo a pesquisa da memória coletiva, meio ambiente, cotidiano, formas de sociabilidades, itinerários, trajetórias sociais, narrativas biográficas e estética urbana em sociedades complexas, através do uso de novas tecnologias mais integrativas e interativas no tratamento, resgate e recuperação do o patrimônio etnológico do mundo urbano contemporâneo. Fonte: <http://www.biev.ufrgs.br/historico/historico.php>. Acesso: Junho/2010.

e a narrativa dos informantes. Assim, a abdicação do uso de imagens provenientes de acervo se configura em uma tentativa de limitar a autoria das imagens aqui apresentadas à situação etnográfica.

A partir deste questionamento a monografia tomou o formato atual, constituída por três capítulos.

O *Porto*, o primeiro capítulo, trata de apresentar o porto da cidade de Porto Alegre. Sua história, seus usos atuais, sua importância religiosa e cultural para a cidade e os órgãos responsáveis pela administração do trabalho portuário.

O segundo capítulo, intitulado *Os Guerreiros da Pedra*, traz a etnografia que foi realizada durante a pesquisa, apresentado os informantes, suas narrativas, e as discussões sobre a construção social da identidade.

O terceiro capítulo, *Narrativas e Fotografias*, disserta sobre as teorias da narrativa e da fotografia, se valendo principalmente dos estudos de Paul Ricouer e Ansel Adams.

Capítulo I

O PORTO

I.I – Apresentação

“... o porto se apresenta como um lugar ambíguo, inquietante e reconfortante. Espaço aberto para as riquezas e as ameaças do mundo, evoca ao mesmo tempo o abrigo, o refúgio e a fragilidade; combina as imagens da invasão e da evasão.”

Corbin 2004

Reverenciado como um dos cartões postais da cidade de Porto Alegre, o porto foi por muitos anos a principal entrada da cidade. Atualmente o cais Mauá está desativado, sendo que as atividades portuárias estão limitadas aos cais Navegantes e Marcílio Dias. Porém ele ainda é utilizado para diversos eventos culturais e comerciais, como a Feira do Livro de Porto Alegre, Mix Bazar, Dia do Vinho, Bienal do Mercosul, Forum Social Mundial, entre outros eventos realizados nest espaço. Em 2009 o cais também voltou a ser palco da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, sendo o ponto de partida da procissão fluvial. E também é dentro do porto que se localiza a sede da Secretaria de Portos e Hidrovias (SPH), o Órgão Gestor de Mão de Obra (OGMO), e o Sindicato dos Portuários, onde se realizou a etnografia dessa pesquisa.

Neste capítulo é apresentada a história da construção do cais, os eventos que nele tomam lugar e os órgãos responsáveis pela administração do trabalho portuário.

I.II – História portuária de Porto Alegre

O primeiro projeto de construção do Porto de Porto Alegre data de 1899 de autoria do então diretor de Viação Fluvial da Província, engenheiro João Luiz de Farias Santos. Previa a construção de 2.997 metros de cais, duas docas e profundidade de três metros, com um prazo de conclusão em dez anos. Em 1904, outro projeto mais audacioso para o porto da Capital tomou prioridade no governo de Borges de Medeiros. O objetivo era a construção de um porto que permitisse a navegação transoceânica. “Porto Alegre porto de mar” foi o nome dado ao projeto

que interliga a capital do Estado ao Oceano através do Guaíba e da Lagoa dos Patos. Para viabilizar este projeto, o Governo reuniu esforços para dar mais fôlego às dragagens da Lagoa dos Patos e Guaíba, iniciadas 1897. Em 1907 o Governo Federal lançou o “Plano para a realização do melhoramento dos portos da República”, baseado em exemplos de portos dos Estados Unidos e Europa, readaptando o projeto original. Em 1911 foi publicado edital para construção do primeiro trecho de 140 metros de cais em frente à Praça da Alfândega. A proposta vencedora foi do engenheiro Rudolf Ahrons, que iniciou as obras no mesmo ano. Em julho de 1913 foi concluída a primeira parte do porto.

A construção do cais foi sendo feita em partes, as obras começavam no meio do Guaíba, no local onde era planejado. Depois de demarcado, os sedimentos que eram dragados para aumentar a profundidade do canal, eram usados para aterrar o futuro cais.

Em 1916 foi lançado um edital para a construção de um novo trecho de 600 metros e armazéns. Porém as dificuldades técnicas da obra, extremamente complexa para época, justificavam a morosidade de seu andamento. Em janeiro de 1921 apenas 344 metros da muralha do cais estavam concluídos. Em 1919 o projeto desse porto sofreu novamente alterações. Foi adotado sistema de blocos para o cais e para os armazéns, estruturas metálicas fornecidas por empresa francesa - projeto baseado no porto de Rio Grande. Em 1919 foram encomendados da empresa francesa Daydeé a estrutura metálica para os armazéns A e B e para o pórtico central. As obras foram concluídas em 1922. Em agosto de 1921 o então presidente da Província Borges de Medeiros inaugurou oficialmente o porto da capital, que consistia em cerca de 800 metros de cais, um armazém de estrutura metálica, um edifício para a administração e o armazém provisório B-1. Com início de projetos em 1899, conclusão do primeiro trecho de cais em 1913, inauguração em 1921, as obras continuaram e apenas em 1937 o porto de Porto Alegre opera com todo o projeto concluído.

Em 1940 o Porto da Capital movimentou 20.123 embarcações a vapor e o total de 1.735.678 toneladas de mercadorias em geral. Nas décadas de 40 e 50 o porto atuava principalmente na importação de carga geral. A indústria no Estado ainda não estava desenvolvida, muitos materiais eram trazidos de fora através do

porto. Nessa época, a retirada das cargas era feita por força humana, estivadores. Em 1972 o Porto de Porto Alegre registrou uma movimentação de 4.650 milhões de toneladas de cargas geral, sacaria, graneis sólidos e líquidos entre todos os tipos de navegação (lacustre, fluvial, cabotagem e longo curso). Em 1983 o Pórtico Central do Porto foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. ²



O porto – Patrick Barcelos 2009

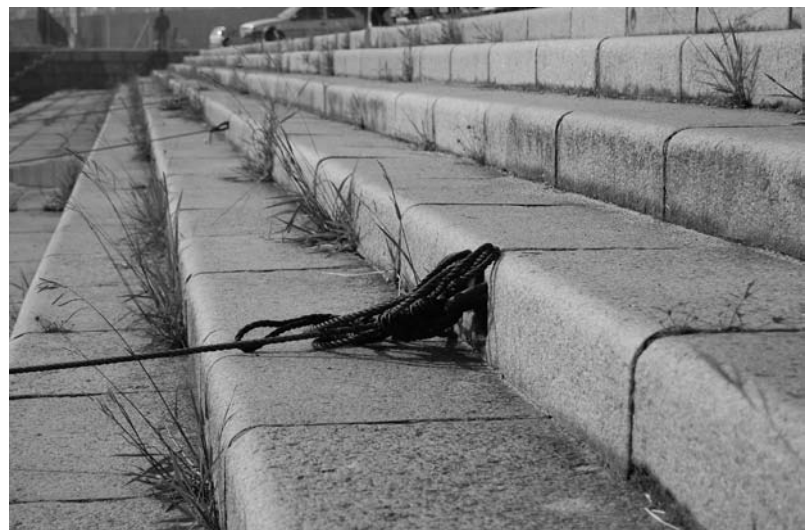
² Fonte: <http://www.sph.rs.gov.br>. Acesso: maio/2010



Pilares – Patrick Barcelos 2009



Atracadouro – Patrick Barcelos 2009



Corda – Patrick Barcelos 2009



Armazéns e Guindaste – Patrick Barcelos 2009



Portas – Patrick Barcelos 2009



O Pórtico – Patrick Barcelos 2009

I.II.I – A Enchente de 41 e o Muro

Em 10 de abril de 1941, teve início uma seqüência de fortes chuvas que durou até o dia 2 de maio, e que, auxiliadas pelo vento sul que dificultava o escoamento das águas pela Lagoa dos Patos, foi responsável pela maior enchente que a cidade de Porto Alegre sofreu. Mesmo com o fim das chuvas, o vento sul estava a acumular as águas do lago Guaíba sobre a cidade, de modo que no dia 8 de maio a enchente alcançou seu ponto máximo, 4,76 metros.

No clímax da enchente, as águas alcançaram a Usina do Gasômetro, deixando a cidade sem luz, e em seguida sem água. Barcas foram utilizadas para transportar passageiros pelas ruas alagadas da cidade. Aproximadamente 70 mil pessoas foram atingidas pelas cheias e 200 indústrias foram alagadas. O valor dos prejuízos em Porto Alegre ficou estimado em 60 mil de contos de réis, equivalente a cerca de 30 milhões de dólares.

A enchente desencadeou discussões sobre a necessidade de um projeto de contenção das águas do Guaíba. Trinta anos depois foi executado o Sistema de Proteção Contra as Cheias. Ele é formado por 68 quilômetros de diques, compostos pela Avenida Castelo Branco, a freeway, ao Norte, e as avenidas Edvaldo Pereira Paiva (Beira-Rio) e Diário de Notícias ao Sul. As duas pontas são ligadas pelo Muro da Mauá. Acopladas à estrutura estão 18 casas de bombas e mais 14 comportas.

A Cortina de Proteção, nome técnico do Muro da Mauá, separa a Avenida Mauá dos armazéns do porto. Possui 2.647 metros de extensão, três metros de altura e três metros de profundidade. Estes parâmetros foram definidos de acordo com os níveis da enchente de 1941.

A polêmica existente em torno do Muro se dá pelo afastamento que ele causa entre os moradores da cidade e o lago Guaíba. Pois, desde a sua construção ele nunca foi “testado”, ainda não ocorreu uma enchente que demonstrasse sua utilidade. Houve projetos visando à destruição do muro, contudo eles estão condicionados a criação de um novo sistema de proteção contra enchentes.³

³ Fonte: Guimaraens 2009.

I.III – Atividades no porto

A área desativada do porto compreende a área entre o armazém A, situado a direita do Pórtico, e a Usina do Gasômetro. Apesar da desativação, essa área tem sido palco de diversos eventos da cidade. A Feira do Livro de Porto Alegre, o Mix Bazar, Dia do Vinho, entre outros eventos, são realizados neste espaço. Em 2009 o cais também voltou a ser parte da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. Apesar de não serem o foco da pesquisa, é importante o conhecimento destes eventos para a compreensão da importância do porto para a cidade de Porto Alegre.

I.III.I – Feira e eventos

Devido à localização privilegiada do porto, no centro da cidade, para onde grande parte da frota de ônibus converge, e ao grande espaço disponível, ele é um dos locais que mais abriga eventos em Porto Alegre. Entre eles, a Feira do Livro de Porto Alegre, a Bienal de Arte do Mercosul, Mix Bazaar, entre outros eventos.

Durante a Feira do Livro, ele é destinado à área infantil, sendo que o restante da feira ocorre na Praça da Alfândega. Ali são realizadas oficinas, espetáculos teatrais, seminários e oficinas, além da exposição, realizada pela Marinha, de um navio militar. Na sua 55ª edição, realizada no ano de 2009, a área infantil recebeu 71.493 participantes. Sendo considerada a mais bem sucedida em termos de vendas.⁴

A 7ª Bienal do Mercosul foi realizada entre os dias 16 de outubro e 29 de novembro de 2009, a estimativa é que aproximadamente 306 mil pessoas visitaram as mostras distribuídas entre o Cais Mauá, Santander Cultural e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Entre as atividades que tiveram lugar no Cais encontram-se desfiles de moda, performances musicais, espetáculos de dança, teatro, poesia e vídeo⁵.

⁴ Fonte: <http://www.feiradolivro-poa.com.br/imprensa/r091117123940.doc>. Acesso: maio/2010

⁵ Fonte: <http://www.bienalmercosul.art.br/>. Acesso: maio/2010

O Mix Bazaar é uma feira de variedades e música eletrônica que teve sua mais recente edição nos dias 17 e 18 de abril de 2010, no Anexo do Armazém A4 do Cais Mauá. O evento é voltado para moda, calçados, música, teatro, dança, artesanato e decoração⁶.

O Fórum Social Mundial (FSM) se reuniu pela primeira vez na cidade de Porto Alegre, durante os dias 25 e 30 de janeiro de 2001, com o objetivo de se contrapor ao Fórum Econômico Mundial de Davos. O FSM é um espaço internacional para a reflexão e organização de todos os que se contrapõem à globalização neoliberal e estão construindo alternativas para favorecer o desenvolvimento humano e buscar a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais. Porto Alegre também cedeu as edições de 2002, 2003 e 2005 do Fórum, tendo os armazéns do cais do porto como um dos palcos do evento.⁷

Também tomam lugar no cais outros eventos menores. Um exemplo é a comemoração do Dia do Vinho, que ocorreu entre os dias 02 e 06 de junho de 2010. Instalada no Armazém A do Cais Mauá, foi realizada a feira de vinhos e sucos de uva organizada por 35 vinícolas brasileiras.⁸

I.III.II – A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes

Nossa Senhora dos Navegantes é a padroeira da cidade de Porto Alegre. Sua procissão é o maior evento religioso da cidade, e teve seu início no ano de 1875, onde foi realizado na capela do Menino Deus. A partir de 1875 a procissão passou a ter como destino a paróquia de Navegantes, onde é realizada anualmente.

Desde sua primeira edição, a procissão era realizada por barcos, através do lago Guaíba. Porém, no ano de 1989 ocorreu o naufrágio do navio *Bateau Mouche*, durante o *Reveillon* na Praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Devido à

⁶ Fonte: http://www.guiadasemana.com.br/Porto_Alegre/Noite_e_Gastronomia/Evento/Mix_Bazaar
Acesso: maio/2010

⁷ Fonte: http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=2&cd_language=1.
Acesso: julho/2010

⁸ Fonte: <http://www.diadovinho.com.br/porto-alegre>. Acesso: maio/2010

repercussão do acidente, ocorreu a proibição da procissão fluvial, mesmo que nunca tenha ocorrido qualquer acidente nesta.

A procissão consiste no translado da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, conforme Luciana Mello descreve em sua dissertação de mestrado de antropologia:

“O processo do ritual católico inicia na realidade no dia 21 de janeiro. A imagem da santa é levada em procissão da igreja dos Navegantes para a Igreja do Rosário, no bairro Centro, permanecendo lá até o dia de seu retorno, na Procissão, no dia 2 de fevereiro.”

(Mello 2008:124)

No ano de 2009, ocorreu uma tentativa de recuperação da procissão fluvial, partindo do Pórtico do Cais Mauá. Embora nos anos anteriores houvesse embarcações que acompanhavam a procissão, o cortejo oficial era realizado por terra. Contudo, o resultado não foi satisfatório devido ao pouco planejamento por parte da prefeitura. Não foi considerado o aumento de público que a procissão teve durante os últimos 20 anos, de modo que não havia uma grande oferta de embarcações.

O projeto de segurança do cais também foi modificado desde 1989, de modo que não era possível acompanhar a imagem pelo cais. O resultado foi uma multidão de pessoas em uma procissão silenciosa pelo trajeto terrestre, enquanto algumas poucas acompanhavam a romaria embarcada.

Essa tentativa de restauração da procissão fluvial não foi bem recebida pela população, de modo que no ano de 2010 o translado da imagem voltou a ser realizado por terra.



Área Infantil da 55ª Feira do Livro – Patrick Barcelos 2009



Dia do Vinho no Cais – Patrick Barcelos 2010



Procissão de Navegantes Cais Mauá – Patrick Barcelos 2009

I.IV – Trabalho no porto

Mesmo que a maior parte do porto tenha sido desativada, a área entre o Armazém C, localizado na altura do Mercado Público de Porto Alegre, e a travessia Régis Bittencourt, está funcional. E é onde se dá tanto atracamento dos navios, como é onde estão localizados os órgãos públicos e administrativos do porto, como a sede OGMO⁹, o Sindicato dos Portuários, o posto da ANVISA¹⁰, posto do Comando do Corpo de Bombeiros e posto do Grêmio Náutico União. Já a sede da Secretaria de Portos e Hidrovias fica localizada entre os Armazéns A e B.

I.IV.I – Secretaria de Portos e Hidrovias (SPH)

Essa autarquia começou a operar em 1916, embora tenha sido oficialmente inaugurado em 1º de agosto de 1921, com administração própria, subordinada à Secretaria da Fazenda. Em 1951, em face da importância que passou a adquirir o complexo hidroportuário riograndense, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, editou a Lei Estadual nº 1561, de 1º de outubro de 1951, criando o Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais - DEPRC, Autarquia estadual responsável pela administração e exploração dos portos de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande e manutenção das hidrovias navegáveis integrantes da Bacia do Sudeste.

Em agosto de 1994 expirou o prazo do Contrato de Concessão Portuária do Estado, sendo prorrogado até 31 de março de 1997, possibilitando os ajustes impostos pela Lei Federal nº 8.630, de 25 de fevereiro de 1993, Lei de Modernização dos Portos Brasileiros. De acordo com o Convênio 001-PORTOS/97, é delegado ao Estado do Rio Grande do Sul, por mais 50 anos, a administração e exploração dos portos de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Cachoeira do Sul.

Com a Lei Estadual nº 10.723, de 18 de janeiro de 1996, o DEPRC foi reestruturado e o porto de Rio Grande foi desvinculado de sua estrutura. Através da Lei Estadual nº 11.089, de 22 de janeiro de 1998, foi alterada a denominação do

⁹ OGMO – Órgão Gestor de Mão-de-Obra.

¹⁰ ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais (DEPRC), para Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH).¹¹

I.IV.II – Orgão Gestor de Mão de Obra (OGMO)

O Orgão Gestor de Mão-de-Obra, OGMO-POA, é uma Associação Civil, sem fins lucrativos e de utilidade pública, criado em 02.03.1995, localizado no cais do porto, armazém B-3. Ele foi criado com o advento da lei 8.630/93, de 25 de fevereiro de 1993, cujo objetivo principal é a modernização dos portos brasileiros, adequando-os a uma nova realidade internacional, propondo a formação de um órgão composto de empresas e trabalhadores, com competência para administrar e gerir um cadastro de trabalhadores avulsos.

O OGMO é o responsável por intermediar as negociações entre as empresas de transporte e os trabalhadores portuários. Ela também promove educação aos seus trabalhadores, através de cursos, treinamentos e palestras de aperfeiçoamentos em novos equipamentos e cuidados com segurança e meio ambiente, através de convênios com a Secretaria Estadual do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre e Marinha, visando através da qualificação, a recuperação da agilidade das operações portuárias, através de uma busca permanente de novas parcerias.¹²

I.IV.III – Sindicato

O OGMO repassa as demandas de trabalho que recebe para o Sindicato dos Portuários, que é responsável pela distribuição do trabalho entre os portuários. O Sindicato trabalha por um sistema de escalas, onde os trabalhadores se revezam para atender aos pedidos. Assim, cada vez que chega um navio, os trabalhadores

¹¹ Fonte: http://www.sph.rs.gov.br/sph_2006/content/sobre_a_sph/sobresphl_apre_historico.php. Acesso: maio/2010.

¹² Fonte: http://www.sph.rs.gov.br/sph_2006/content/porto_poa/porto_poa_operadores_ogmo.php. Acesso: maio/2010.

que tem possibilidade de ser escalados são chamados para vir até o cais para confirmar se terão trabalho ou não.

Conforme narraram os trabalhadores, no porto de Santos¹³ não existe sistema de rodízio, são as companhias de transporte que selecionam quais trabalhadores eles querem. Assim os trabalhadores são obrigados a “ficar quietos” e se submeter ao que estipulam as companhias. Esse fato demonstra a importância do Sindicato para a manutenção dos direitos dos trabalhadores portuários.

¹³ O porto de Santos fica localizado no município de Santos, estado de São Paulo. Ele é o principal porto brasileiro. Fonte: <http://www.portodesantos.com>. Acesso: julho/2010.

Capítulo II

OS GUERREIROS DA PEDRA

II.I – Apresentação

“Isso é da turma, foi a turma que fez. Uma vez a gente estava conversando, conversamos bastante nas horas de folga. E daí a gente começou a conversar assim e veio a ideia de fazer a camisa né? E a gente foi montando né? Vamos colocar o que? Daí colocamos *Os Guerreiros da Pedra*, que trabalhamos na pedra. Todo trabalhador portuário, que trabalha no porto, assim, é da pedra, da pedra do cais né.”

Nereu (trabalhador portuário)

“Pedra” é o nome dado ao espaço do porto onde ocorre o descarregamento dos navios. A relevância de se denominar como “um trabalhador da pedra” ocorre para diferenciar os trabalhadores da capatazia dos da estiva. A capatazia é o setor responsável pelo trabalho de descarregar a carga dos navios para o porto. Já os trabalhadores da estiva sobem a bordo dos navios e organizam a carga para que esta seja descarregada pela capatazia, que trabalha apenas em terra, “na pedra”. Também existe uma terceira categoria, os conferencistas, que são responsáveis por conferir a carga dos navios. São em número muito menor, do que a capatazia ou a estiva, devido à natureza do trabalho que realizam. Essa divisão não é relevante apenas do ponto de vista do trabalho realizado, pois elas possuem sindicatos separados, localizados em pontos diversos do porto, o que ocasiona redes de sociabilidades diversificadas. Portanto, é crucial pontuar que essa pesquisa foi realizada com os trabalhadores da capatazia.

II.II – Entrada em campo

Essa pesquisa se iniciou como parte da pesquisa sobre memória coletiva de habitantes na cidade de Porto Alegre, os espaços dessa memória a partir de exercícios etnográficos no projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Assim, devido a este foco inicial, a entrada em campo se deu através da busca de acervos que contivessem documentos sobre o porto, o que fez com que a pesquisa se iniciasse pela biblioteca da Secretaria de Portos e Hidrovias, localizada no porto.

A pesquisa na biblioteca foi de curta duração, pois seu acervo é composto de documentação de caráter técnico, relatórios, mapas, registros de operações, etc; As fotos encontradas na biblioteca também não se constituíram como nenhuma novidade, pois todas já faziam parte do acervo do Banco de Imagens (BIEV). Essa estagnação na busca por documentação se deu paralelamente ao contato estabelecido com o Sindicato dos Trabalhadores Portuários, pois além das idas a biblioteca, houveram saídas de campo exploratórias pelo porto, sendo que, visando uma maior dedicação à pesquisa etnográfica junto aos trabalhadores, a pesquisa na biblioteca foi deixada de lado.

Conforme se desenvolvia a pesquisa, e devido a um trabalho realizado para uma disciplina da faculdade, as narrativas dos informantes passaram a ser analisadas sob a luz das teorias de identidade e gênero da antropologia, e o trabalho adquiriu o formato atual.

II.II.I – “11 de setembro”

Em dezembro de 2002, foi firmado pela SOLAS - International Convention for the Safety of Life at Seas (Convenção Internacional para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar) um protocolo de segurança anti-terrorismo denominado *International Ship and Port Facility Security Code (ISPS Code)*¹⁴. Este acordo foi criado devido ao atentado ocorrido no World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001. E prevê um protocolo internacional de segurança para portos e navios, o qual todos os membros da Convenção, entre eles o Brasil, se comprometeram a cumprir. Entre as cláusulas deste protocolo existe a proibição do acesso de qualquer pessoa não vinculada ao porto a áreas de atracamento dos navios.

¹⁴ SOLAS (International Convention for the Safety of Life at Seas). “*International Ship and Port Facility Security Code (ISPS Code)*”. Versão em Português. Fonte: http://www.portosdobrasil.gov.br/relacoes-internacionais/isps-code-1/documentos/ISPS_versao_portugues.pdf. 2002

É devido a esse motivo que, apesar de se tratar de uma etnografia sobre os trabalhadores portuários, aqui não é apresentada nenhuma fotografia ou relato etnográfico das atividades de trabalho no porto.

II.II.II – Trajetórias de trabalho

A grande dificuldade em realizar a etnografia refere-se à ausência de trabalhadores no porto. Neste não existe um grande fluxo de navios, e devido a isso existem poucos trabalhadores cadastrados. Porém, quando chega algum navio todos esses trabalhadores se envolvem. A OGMO adota um sistema de rodízio, mas não raro quando tem dois ou mais navios atracados ao mesmo tempo os trabalhadores terminam por trabalhar até dois dias seguidos. Portanto, se tornou complicado localizar esses trabalhadores, pois quando estavam no porto estavam trabalhando nos navios.

O primeiro contato com Nereu ocorreu em uma das saídas de campo exploratórias no porto. Além de ser um dos trabalhadores da capatazia ele é secretário do Sindicato dos Portuários. Portanto Nereu é o responsável por mantê-lo aberto. Aceitando meu pedido de interlocução e diálogo sobre o trabalho no porto, iniciei um processo de entrevista enfatizando sua trajetória. Nesse relato Nereu explica estar com 54 anos, é separado e tem quatro filhos. Conta ter servido no exército e ter trabalhado durante 13 anos como bancário. Ele se demitiu, por ser *gurizão*, como ele mesmo disse, e estar separado, depois começou a trabalhar no cais. Tem quatro filhos. E, ele se tornou o principal informante da pesquisa, tendo apresentado todos os demais trabalhadores que participaram da etnografia, e sendo o que mais narrou histórias do cais. Ele se mostrou como uma figura chave no acesso a rede de sociabilidades dos trabalhadores da capatazia, sendo que as duas festas realizadas pelos trabalhadores que freqüentei foram realizadas em sua casa. A primeira foi o seu aniversário, e a segunda uma confraternização para Henrique, um portuário que, mesmo afastado do trabalho por questões médicas, freqüentou algumas vezes o porto e também se tornou um dos informantes da pesquisa. Nereu é apaixonado por futebol e torcedor do Sport Club Internacional. Conforme narrou, ele trabalha no cais à 14 anos.

“Ah! Eu tava procurando, tinha uma época que eu tava desempregado, trabalhava no serviço burocrático antes e meu pai tinha sido portuário do Rio Grande. E eu tava desempregado e fui ali no SINE, que é bem na frente do porto. E eu fui olhar os guindastes e naquele época ali no porto tinha operação. E eu vi o pessoal saindo, andando de caminhão, e eu meio que de curiosidade eu fui chegando, tomei referencia do meu pai, né, e perguntei assim, como é que é? Qual é o tipo de trabalho? A instrução né? Aí informaram. E eu tive que esperar mais ou menos três meses até surgir uma vaga, através do sindicato. Aí eu fui no órgão, no órgão, o órgão gestor da mão de obra e me inscrevi também, aí um belo dia eu tava em casa e o cara me chamou, que era o secretário do sindicato, ele queria falar que tinha vaga. Aí eu fui, vim aqui e ele mandou fazer o cadastro. Mandou fazer exame médico e dois ou três dias eu já entrei na chamada para trabalhar como portuário”

Nereu (trabalhador portuário)

Essa oportunidade de trabalho assalariado, próprio dos contextos industrializados, é valorizado como um projeto de estabilidade salarial e social. Se dá no âmbito de um campo de possibilidades bastante restrito no contexto urbano exigindo um processo de seleção e aprendizado. Sigo aqui Gilberto Velho (1994) que traz o conceito de Sociedade Complexa, para descrever as sociedades nas quais indivíduos com diversas visões de mundo estabelecem relações sociais, e no caso da minha pesquisa, relações de trabalho.

Partindo do foco do trabalho, enquanto o estudo se apresenta como o meio para alcançar um determinado projeto da classe média, no caso das camadas populares a entrada no mercado de trabalho se dá mais cedo, em detrimento dos estudos. De modo que, apesar do interesse pelos estudos ser visto com bons olhos, não existe uma sanção significativa aos jovens, de origem popular, que abandonam os estudos em busca de trabalho. Isso não remete a uma negação da importância do grau escolar para a obtenção de um emprego melhor, mas representa um estranhamento ao acúmulo de conhecimento. Sendo comum que os jovens abandonem a escola regular para trabalhar e, posteriormente, retomem os estudos através de um curso E.J.A. (Ensino para Jovens e Adultos) noturno, em paralelo ao emprego, onde eles cursam o equivalente aos três anos do ensino médio em apenas um ano.

A relevância, para essa pesquisa, dessa reflexão se faz presente em uma fala de Henrique.

“Aqui tu não ganha mal, mas também não ganha bem. É o bastante para sobreviver. Se você for organizado tu vai ficar bem, se não, não vai ter muita coisa, mas não vai morrer de fome. Aqui não é lugar para quem tem estudo, quem estudou vai trabalhar Lá fora, não vai vir aqui para o cais. Aquele ali, por exemplo, (se referindo ao senhor com quem ele conversou há pouco tempo) fora daqui ele ia ser um mendigo, mas aqui dentro ele tem serventia. Aqui é muito bom porque tem união entre o pessoal. Claro que tem as cobras, mas a gente aprende a tirar o veneno, aquele ali, só pelo jeito de andar eu já sabia o que ele ia falar. A gente aprende a conhecer as pessoas aqui.”

Henrique (trabalhador portuário)

Nesta narrativa transparece a idéia de que o trabalho portuário é característico de grupos populares. Uma reminiscência do antigo trabalho braçal que ocorria nos portos.

Contudo, houve transformações nas formas de trabalho do porto. A força física cedeu lugar à atenção. Ao mesmo tempo em que a máquina faz o trabalho físico pelos homens, estes devem se precaver contra ela. Ser atingido por alguma carga que é transportada pelos guindastes é um dos principais perigos com os quais os trabalhadores convivem.

“é sim, hoje em dia bem menos, porque tudo o que descarrega e carrega é tudo com aparelho né. Então é mais para a arrumação da carga mesmo, daí não precisa fazer força né? Até as máquinas, agente faz arrumação, amarração de cargas de guindaste, isso tudo aí. São coisas que tem que ter mais atenção mesmo, não tem que fazer força física mesmo né? Uma é que agente faz muita força física quando tem os contêineres, quando tem que subir e descer nos contêineres. Aí é um serviço mais físico mesmo, a pessoa tem que estar ligada mesmo, que o serviço é na rua, é aberto e se estiver chovendo igual se trabalha né. É preciso atenção só, para não se machucar, não cair e não se arranhar. Não se apertar né, porque às vezes...”

Nereu (trabalhador portuário)

O perigo com o qual os trabalhadores convivem tende a criar mecanismos de proteção, de crença em uma graça alcançada pela proteção do perigo. De modo que tanto Nereu quanto diversos outros trabalhadores portuários são devotos de Nossa

Senhora dos Navegantes. Ele me narrou isso em relação à fé que seu pai possuía em Iemanjá.

“e trabalhando o cara vai se acostumando. Antes de vir trabalhar aqui eu gostava da Iemanjá, porque é lá de Rio Grande, sempre tinha festa de Iemanjá, e nossa Senhora dos Navegantes é Iemanjá mais dentro do mar. Nossa Senhora dos Navegantes é de todos os tipos de água... Aí eu comecei a me acostumar com a santinha e ela sempre ajuda a gente. Normalmente quando o cara vai pro trabalho o cara pede bastante proteção e quando o cara volta também. Todo mundo aqui tem, e de agradecer também né. O cara vai pro trabalho e o cara nunca sabe né? Às vezes o cara vai e chove e quando agente vai pro trabalho agente pede proteção para agente não se machucar e o trabalho foi bom. E que seja produtivo né? E minha santinha está sempre segurando a barra. (...) Meu pai era devoto de Iemanjá. Até agora, se eu não to trabalhando eu sempre vou na procissão de navegantes, no dia dois de fevereiro, eu já fui. Eu acho que já fui, desde quando to em Porto Alegre, em umas quatro já, mas as outras vezes que eu não fui foi por trabalho mesmo, porque dia dois não é feriado né, então agente trabalha, mas quando ta de folga o cara vai. Eu fui no fluvial, no ano passado.”

Nereu (trabalhador portuário)

Nereu pontua o “estar acostumado com a santa” como um dos motivadores de sua fé. É interessante abordar essa afirmação tendo em vista a trajetória de seu pai, que foi portuário na cidade de Rio Grande.

O hábito de venerar a padroeira das águas foi incorporado devido ao convívio com seu pai, um portuário, e por viver em uma cidade litorânea. Assim, a significação que o trabalho portuário possui é familiar à Nereu, bem como a outros trabalhadores que também são filhos e parentes de portuários, o que, como ele narra, não é incomum.

“(...) mas agora quando tiver o churrasco lá, daí nós vamos te convidar, aí tu vai ver o pessoal dos conferentes. É tudo já os coroas, mas são todos legais. Tem uma gurizada, um, dois, três gurizão, mas são legais. Os conferentes... Sempre é filho, filho de conferente, eles vêm e fazem cursinho ali dentro do sindicato e ficam. Isso vai passando de pai para filho. É legal. Os estivadores também, a nossa turma também. Tem pouca gente, mas assim que tiver mais demanda de trabalho a gente também vai trazer né? Os filhos né? Primo, parente e coisa. É legal.”

Nereu (trabalhador portuário)

A princípio, pode-se considerar que essa transmissão familiar do trabalho portuário é decorrente da facilitação para obter uma vaga em decorrência da consangüinidade. Contudo, cabe lembrar que o pai de Nereu não era um trabalhador portuário quando ele ingressou no porto de Porto Alegre. Não só ele, Lula, outro trabalhador do porto, também é filho de um portuário de Rio Grande.

Cabe lembrar a narrativa¹⁵ de Nereu sobre como ele começou a trabalhar no porto. Ele estava na frente do SINE¹⁶ em busca de emprego e viu a movimentação do porto. Mas, considerem quantos além dele também perceberam o porto, mas não consideraram a possibilidade de obter um emprego no porto. Nereu ter o trabalho portuário como parte de seu campo de possibilidades é decorrente do *ethos* desenvolvido em sua vida familiar.

Contudo, não é correto limitar a pertinência do trabalho portuário como pertencente ao campo de possibilidades dos sujeitos unicamente devido ao histórico familiar destes. Conforme dito anteriormente, o trabalho no porto é característica de camadas populares. Seja pela ausência de qualificações, ou pelo estigma que o trabalho braçal sofre, ele é um emprego típico das classes menos abastadas.

Disso se tem os elementos iniciais para acessar o *ethos* e a identidade destes portuários. Primeiramente, contudo, cabe se aprofundar no conceito de *ethos*.

II.II.III – O *ethos* do trabalho

Segundo Geertz (1989) os indivíduos possuem uma determinada *rede de significados*, que corresponde a suas relações e interpretações do mundo. Tal rede é formada por dois elementos. O primeiro é a *visão de mundo*, que representa o conhecimento dos aspectos objetivos do mundo. Ela que é acionada ao se ponderar sobre as leis do mundo e da sociedade, com as quais possuem um relacionamento de submissão ou aversão, sem uma contemplação profunda. Pode-se atribuir à visão de mundo as percepções que são decorrentes de normas externas. Conceitos

¹⁵ Ver página 28.

¹⁶ SINE: Sistema Nacional de Emprego.

sobre o legal e o ilegal em uma dada sociedade são típicos da *visão de mundo* dos indivíduos.

Outro aspecto que constitui a *rede de significados* é o *ethos*. Ele corresponde às características subjetivas dos indivíduos. Enquanto a *visão de mundo* lida com a parte “legal” de uma sociedade, o *ethos* corresponderia à sua moral. Geertz (1989:93) aponta que o *ethos* seria o responsável pelo “tom” de uma sociedade. Ele é decorrente das relações sociais entre indivíduos que pensam e interpretam sua realidade. Enquanto a *visão de mundo* pode ser tabelada e apresentada, digamos, para “estrangeiros”, o conhecimento do *ethos* de um povo é um processo mais subjetivo, que carece de vivência com este grupo para que possa ser contemplado. Portanto, o *ethos* é o resultado da interpretação da realidade social dos indivíduos.

Cabe, também, ressaltar que nenhum desses aspectos é estável. Ambos estão em constante transformação, de modo que o “resultado” da interpretação destes também se transforma. Contudo, é possível buscar os aspectos que constituem a *rede de significados* destes sujeitos, em que prepondera o *ethos* do trabalho portuário, um trabalho masculino por excelência.

É devido a isto, a realidade dinâmica em que vivemos, que esta pesquisa não busca delimitar uma identidade para os trabalhadores portuários de Porto Alegre. Sendo objetivada “apenas” a indicação de seus elementos constituintes. Tendo esclarecido este ponto, cabe continuar com a apresentação desta pesquisa.



Tigrão e Nereu – Patrick Barcelos 2009



Os Guerreiros da Pedra I – Patrick Barcelos 2009



Comemoração – Patrick Barcelos 2009

II.II.IV – De etnógrafo à fotógrafo

Em sua pesquisa sobre a vila Dique, Achutti (1997) narra que conquistou a atenção de seus informantes através de suas fotografias. Como “pagamento” pela intromissão na vila, o autor distribuía as fotografias feitas aos moradores. Por se tratar de uma vila de classe popular, e também devido à inexistência da fotografia digital na época, 1997, essa relação era um “bom negócio” para os informantes.

“Mais uma vez, procedo ao ritual de entrega de presentes, assim como alguns fazem com tribos ainda não acostumadas à presença de forasteiros ou pesquisadores. Fotografias são muito mais do que espelhos, são espelhos ideais, são espelhos mágicos, espelhos que espelham para trás, para um tempo anterior que já passou. De qualquer forma sinto que ofereço algo em troca do ato de “roubar-lhes as almas”. Uma “moderna troca de presentes”: a imagem real – matéria prima que me oferecem – pela imagem fotográfica – a cristalização de um momento com um determinado recorte. Ambos decididos por mim.”

(Achutti 1997: XXVII)

Contudo é preciso ter em mente que a diferença entre o objeto de estudo da pesquisa de Achutti (1997) e a desta monografia, se reflete na metodologia utilizada. Devido ao foco do trabalho do autor estar na questão do cotidiano, lixo e trabalho, existia uma maior preocupação em “não interferir” na vida dos nativos.

“Chego e, além de atrapalhar o trabalho das catadoras, interfiro em todo o meu campo de pesquisa. Como vou trabalhar se estão todas a olhar fotografias em vez de selecionar o lixo? Que antropólogo mais narciso traz para campo elementos que levam-no a fazer parte das cenas a serem fotografadas?”

(Achutti 1997: XXVII)

Ao etnografar o cotidiano de um grupo, sua vida, é vital que o pesquisador busque interferir o mínimo possível nesse cotidiano, de modo que os dados construídos seja o mais fiel possível. Contudo, ao se estudar a identidade dos sujeitos essa preocupação é reduzida. Pois, as principais “fontes de dados” foram justamente as narrativas contadas em rodas de conversa das quais eu também fazia parte.

Desde a proposta inicial da pesquisa, o uso da fotografia era um aspecto presente na etnografia. Porém, ela adquiriu maior importância em razão do próprio interesse dos informantes. Assim como eles partilhavam histórias, também

partilhavam olhares, pediam fotografias. O que começou como um retrato de Nereu e Tigrão, em uma das primeiras saídas de campo, se tornou uma das principais seqüências fotográficas da pesquisa. Entre as fotografias que eu tirava e as narrativas que eles me contavam, foi construída uma relação de confiança, de modo que as fotos se tornaram algo esperado, tanto por eles quanto por mim, na pesquisa. Contudo, as fotografias acabaram por se tornar mais importantes para a etnografia do que havia sido esperado inicialmente. Elas se tornaram um meio de acessar a identidade destes trabalhadores.

Nereu havia me convidado para um churrasco em comemoração ao seu aniversário, que seria realizado no salão de festas do condomínio onde ele reside. O convite veio acompanhado do pedido de levar a máquina fotográfica, para registrar a festa. E, de uma ressalva, iria apenas o “pessoal”, ninguém iria levar a mulher ou namorada.

A festa consistia em uma ótima maneira de conhecer os outros trabalhadores portuários, e de estreitar a relação com os que já me eram conhecidos, de modo que aceitei o convite imediatamente.

Como já era esperado, não havia mulheres no churrasco. Havia varias crianças, todos meninos, amigos e vizinhos dos filhos de Nereu. No horário em que cheguei o churrasco ainda estava sendo preparado, e fui apresentado para os trabalhadores que eu não conhecia.

Além de algumas mesas e cadeiras, no salão havia um aparelho de dvd, conectado à uma televisão e a um aparelho de som, que estavam reproduzindo gravações de shows musicais. Uma outra televisão estava ligada a um vídeo-game, ao redor da qual várias crianças estavam reunidas.

Conforme mais convidados chegavam Nereu me pedia para tirar fotos deles. Diversas destas apresentavam posturas jocosas dos trabalhadores. Desde exhibições de latas de cerveja a beijos no rosto.

Durante a festa houve vários momentos onde pude conversar com os trabalhadores. A fala mais instigante que ouvi foi proferida por Lula, um trabalhador portuário que, assim como Nereu, também é natural da cidade de Rio Grande e filho

de um trabalhador do porto. Ao lhe dizer que estava pesquisando sobre as histórias dos trabalhadores portuários e sobre como era o porto, ele respondeu.

“Isso que tu está procurando tu não vai conseguir fotografar. Não existe mais. Tu precisa é falar com os antigos do porto. Eles podem te contar como era o porto”.

Lula (trabalhador portuário)

Esta fala de Lula remete à condição da fotografia de se restringir à uma representação do momento do ato fotográfico. Porém, mesmo que ela seja incapaz de registrar as narrativas dos portuários, ela se mostra como um valioso recurso para representar esses próprios indivíduos, e a forma como narram suas histórias. Além disso, ela também se revelou como um meio para acessar o *ethos* (Geertz 1989) destes trabalhadores. O ato de pedir fotografias explicita os valores destes portuários. Ao requererem o registro de uma determinada situação, eles estavam manifestando a importância que estes momentos possuem para eles. Esta percepção se tornou mais clara devido aos jogos de sinuca que presenciei, participei e fotografei durante o churrasco.

Enquanto os trabalhadores ainda estavam quase todos envolvidos com o preparo do churrasco, as crianças usufruíam com exclusividade da mesa de sinuca. Conforme mais trabalhadores chegavam, e os demais concluíam suas tarefas, a mesa passou a ser freqüentada pelos adultos.

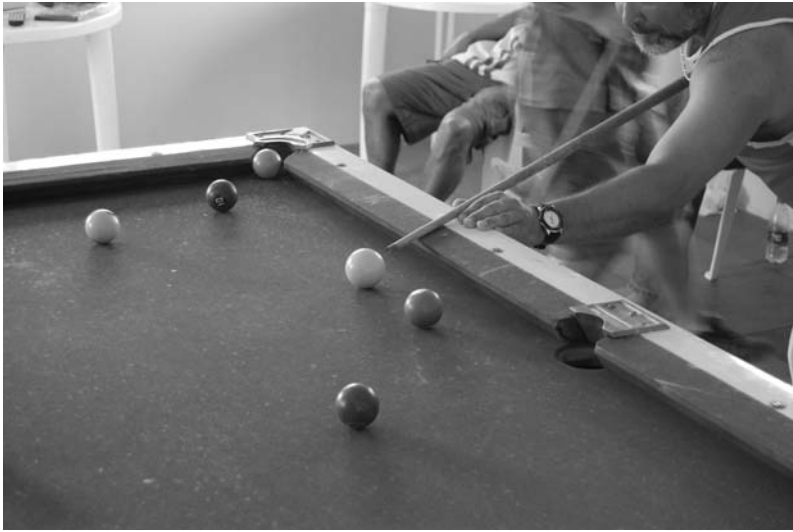
É interessante notar que os trabalhadores não possuíam uma atitude de simples desporto. Era visível a relação de ensino que eles tinham para com as crianças. Diversas vezes um dos portuários fazia dupla com uma delas e lhe dava conselhos sobre como jogar. Mesmo já sabendo jogar, eu também recebi várias lições sobre o modo como eles jogavam. As fotos que eles me requeriam também apresentavam essa postura didática. Eram uma mescla de *registra isso*, com *olha como se faz*.

Esta situação explicita uma relação de transmissão de saberes destes trabalhadores para com as crianças e comigo. Posteriormente percebi que esta relação também se dava durante as incursões de campo realizadas no porto. Mais do que relatar como é ser portuário, ser homem, ou ser honrado. Nereu e os demais

trabalhadores buscavam ensinar esses valores. E, além dos relatos, a fotografia se apresentou como um modo de transmitir estes conhecimentos.

No momento em que eles aceitaram a minha presença no porto, os pesquisando e fotografando, também ouve uma iniciativa destes em conduzir meu olhar por este espaço. Ao dizer *tira foto disso*, eles não estavam apenas pedindo uma recordação daquele momento. Estava implícito o apontamento de uma situação como sendo importante para eles. E, assim, importante para que eu os compreenda. Para aprender como é ser um portuário.

Portanto, ter sido o fotógrafo destes trabalhadores se revelou como uma riquíssima experiência etnográfica. Ao conduzir meu olhar pelo porto eles estavam tentando me transmitir o seu próprio olhar sobre aquele espaço. Assim, as fotos realizadas, e principalmente o ato fotográfico por trás delas, se revelaram tão valiosos quanto as suas narrativas para o esforço de construção da identidade destes indivíduos, ao qual essa pesquisa se propõe.



Jogo de Sinuca I - Patrick Barcelos 2009



Jogo de Sinuca II - Patrick Barcelos 2009



Jogo de Sinuca III - Patrick Barcelos 2009



Jogo de Sinuca IV - Patrick Barcelos 2009



Jogo de Sinuca V - Patrick Barcelos 2009



Jogo de Sinuca VI - Patrick Barcelos 2009

II.III – As Narrativas

O sindicato dos trabalhadores portuários foi o local de maior importância para a etnografia desta pesquisa. Pois, é onde trabalhadores se reúnem para conversar quando não há navios ancorados no porto. Nereu, o secretário do sindicato, é quem passa mais tempo no local. Sendo o responsável por mantê-lo aberto mesmo quando não tem trabalho no cais. Porém, mesmo nesses dias ociosos, alguns portuários e aposentados aparecem lá para conversar.

Geralmente as narrativas se referiam às histórias do porto e dos colegas, provavelmente motivadas pela minha presença enquanto pesquisador. Essas narrativas revelam muitos dados sobre a percepção que esses indivíduos possuem deles próprios. De sua identidade como trabalhadores portuários.

Existe um balcão na sala do sindicato onde os trabalhadores ficam escorados enquanto conversam. De modo que as conversas tomam uma forma semelhante às de um bar. Na frente desse balcão, encostado na parede, existe um banco, que, em conjunto com a postura tomada pelos trabalhadores de ficarem encostados no balcão confere uma forma circular a esta ação.

Ao falar em forma, estou referindo aos estudos de Georg Simmel (1983). O autor afirma que o tema de estudo da sociologia não deve ser o “conteúdo” da sociedade, o qual pode ser estudado por historiadores e psicólogos, mas sim as formas como se dão as suas relações. Assim, ele traz a idéia de que as relações sociais possuem uma determinada forma compartilhada pelos membros de uma determinada comunidade e por sua vez ressoa dentro da *rede de significados* (Geertz 1989) desses sujeitos.

O balcão que se encontra no sindicato teria fins de atendimento simplesmente. De separar os funcionários do sindicato dos “clientes”. Contudo, o que se tem é que ele é utilizado como balcão de bar, sobre o qual ficam os copos de café e onde eles se escoram para conversar.

As narrativas contidas neste trabalho lidam com a questão da identidade desses sujeitos, e foram divididas em dois tópicos, *Trabalho e Honra*; e *Masculinidade e Domesticação dos Corpos*.

Trabalho e Honra, apresenta narrativas onde o trabalho destes indivíduos influencia na constituição de suas identidades. Abrangendo, assim, histórias sobre o trabalho e as relações com os demais trabalhadores. Para analisar a questão da honra se utiliza a teoria de Peristiany (Peristiany apud Rohden 2006).

Masculinidade e Domesticação dos Corpos, esta amparado nas teorias de *dominação masculina* de Pierre Bourdieu (2003) e a *domesticação dos corpos* de Michel Foucault (1987). Neste sub-capítulo constam narrativas sobre o tempo de serviço militar dos informantes, e outras narrativas onde transparece o *ethos* masculino apresentado por Bourdieu (2003).

II.III.I – Trabalho e honra

Inicialmente, cabe desenvolver o conceito de trabalho. Para isso, se faz presente o estudo de Jaqueline Tittoni, *Subjetividade e Trabalho* (1994), onde a autora resgata os conceitos clássicos de trabalho. Ela inicia trazendo o conceito de trabalho alienado de Marx, que é tido como uma atividade vital, que possibilita a transformação da natureza e do próprio ser humano.

“Em primeiro lugar, o trabalho, a atividade vital, a própria vida produtiva, se apresenta como um meio para a satisfação de uma necessidade, da necessidade de conservação da existência física. É a vida engendradora de vida. O tipo de atividade vital carrega em si todo o caráter de uma espécie, seu caráter genérico, e a atividade livre e consciente é o caráter genérico do homem.”

(Marx apud Tittoni 1994:22)

Essa concepção de trabalho se refere à condição do ser humano como sendo parte da natureza, pois vive nela e seu corpo necessita dela para se alimentar. Assim, ao modificar a natureza através do trabalho, o homem também está modificando a si mesmo. Contudo o homem não trabalha apenas tendo em vista seu sustento, ele também visa objetivar a sua cultura. Trabalha visando suas necessidades culturais, e não somente as biológicas. Os homens objetivam sua estética através do trabalho.

“O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem: aqui se desdobra, não apenas intelectualmente, como na consciência, mas sim laboriosamente, de um modo real, contemplando-se a si próprio, por isso, em um mundo criado por ele.”

(Marx apud Tittoni 1994:23)

A autora também traz os estudos de Freud, segundo o qual o trabalho pode propiciar o uso das inclinações do indivíduo e dos impulsos instintivos, desde que tenha liberdade de escolha.

“A possibilidade que esta técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade.”

(Freud apud Tittoni 1994:23)

Assim, a autora conclui que o trabalho pode se constituir como um elemento fundamental para a análise do ser humano e de sua relação com o mundo material e sua vida psíquica. Pois, enquanto o pensamento marxiano vincula o trabalho à consciência e à objetivação do ser humano, o pensamento freudiano vincula o trabalho à vida em sociedade. Conseqüentemente, o trabalho contribui para o reconhecimento do sujeito no mundo externo a ele e para a mobilização da vida psíquica à vida em sociedade (Tittoni 1994).

Entre os portuários fica explícita essa importância. As redes de sociabilidades formadas entre os trabalhadores se mantêm para além da aposentadoria dos mesmos. Alceu, Evaristo e Tigrão foram alguns dos informantes que tive nesta pesquisa que mesmo estando aposentados continuavam a freqüentar o porto. Logo nas primeiras saídas de campo, Alceu explicou isso dizendo que *o cara fica em casa incomodando a mulher e ela o manda para o porto*. O “ficar incomodando em casa” representa o deslocamento, a falta de senso de pertença, que estes trabalhadores possuem quando se aposentam. Apesar de suas relações familiares, eles possuem fortes círculos de amizade no porto, diversos destes trabalhadores se aposentaram com 30 ou 40 anos de trabalho portuário.

A autora também traz os estudos de Thompson, mas precisamente o conceito de *experiência*, para analisar a temática do trabalho.

“(…) Os homens e mulheres aparecem como sujeitos dentro desse termo [a experiência] – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência, e em sua cultura e, em seguida, agem, por sua vez, sobre uma situação determinada.”

(Thompson apud Tittoni 1994:27)

Segundo a autora, o conceito de *experiência* de Thompson visa contemplar o produto das relações sociais existentes entre os indivíduos. Mais especificamente, ele busca delimitar o conhecimento que adquirem os sujeitos, bem como as transformações que sofrem dentro de um determinado contexto. Esse conceito se faz presente nas narrativas que lidam com as questões mais objetivas do trabalho portuário, com a sua organização. Por exemplo, quando Nereu narra as diferenças entre o trabalho que seu pai executava no porto de Rio Grande, e o que ele próprio tem em Porto Alegre.

“Meu pai era diarista lá, carpinteiro. Ele trabalhava também, tipo, mesmo trabalho daqui, diarista, trabalhava como diário, todos os dias diário. Mas aquilo ali ele trabalhava assim, aqui quando a gente vai embora o trabalho termina, mas lá em Rio Grande não, tinha o trabalho de armazém. Então sempre trabalhava no navio e no armazém. Isso é uma coisa que não tem aqui. Dificilmente tem gente pra trabalhar nos armazéns, movimentação de cargas. E lá em Rio Grande tinha muito disso, soja ou outro tipo de trabalho assim, cebola batata, tudo quanto é tipo de coisa, então tu sempre tinha algum trabalho no armazém né, para fazer a separação de mercadoria, sacaria, para fazer a movimentação de carga de um lado pra outro do armazém e sem empilhadeira e isso aí era serviço braçal, naquele tempo não tinha guindaste que trabalhava dentro do armazém, assim. Era só serviço braçal mesmo e meu pai trabalhava nisso aí, por isso tava sempre empregado. Ele se aposentou quando deu mais de trinta e cinco anos, se aposentou trabalhando no porto de rio grande.”

Nereu (trabalhador portuário)

Na narrativa, Nereu explicita a quantidade de trabalho que seu pai possuía. Enquanto que ele próprio e seus colegas de trabalho estão limitados a apenas descarregar os navios. Isso remete não a uma “dificuldade” maior por parte de seu pai, mas à maior oferta de trabalho que existia na época. No porto de Porto Alegre não é incomum que se passem duas ou três semanas sem que nenhum navio atraque. E durante esse período, os trabalhadores não recebem qualquer remuneração, pois, como já foi apresentado, o trabalho portuário executado nessa cidade é pago a partir do cálculo da tonelagem de carga transportada. Assim, existem cargas que “pagam” melhor do que outras. Soja, e grãos em geral, estão entre as menos rentáveis. Bobinas de papel, de cabos de aço, e materias similares são as cargas mais apreciadas pelos trabalhadores, pois são pesadas e compactas. Já na época que Nereu narrou, os trabalhadores participavam de todo o processo de portuário. Da descarga dos navios à acomodação do material para o transporte para

seu destino final. De modo que possuíam trabalho todos os dias, sem depender do incostante fluxo de navios.

Contudo, a *experiência* representa apenas os dados conscientes obtidos, as informações simples, que não carecem de interpretações. Ele não responde pelas subjetivações dos sujeitos. Para isso, a autora traz a idéia de *vivência* de Dejours.

“Essas vivências procuram, portanto, expressar as formas como os trabalhadores vivenciam as experiências concretas no mundo do trabalho, considerando a especificidade que o constitui.”

(Tittoni 1994:33)

As *vivências* seriam interpretações das *experiências* decorrentes das relações sociais, a subjetivações dos elementos objetivos do trabalho. Elas representam os significados que estes sujeitos atribuem a experiências relacionadas ao trabalho. A autora (TITTONI 1994) aponta que estas interpretações estão relacionadas com o trabalho executado pelos próprios indivíduos. Contudo, é possível utiliza-lo para analisar as narrativas de Nereu sobre o trabalho do pai dele. Por exemplo, como na história a seguir, onde ele traz a predominância da força física no antigo trabalho portuário, juntamente à retidão de caráter de seu pai.

“ele trabalhava no porto em Rio Grande, na época em que só gente forte que trabalhava lá, porque não tinha essas máquinas tudo. Meu pai tinha uma força enorme. Daí ele foi transferido para o porto daqui e trouxe a família junto. Ele era um homem correto, mostrava pros filhos o certo e o errado e deixava que eles escolhessem.”

Nereu (trabalhador portuário)

É interessante analisar os motivos de Nereu ter falado do caráter de seu pai logo após relatar a força dele. Segundo Bourdieu (2003), a força é uma das características do *ethos* masculino, representando a dominação do homem sobre as mulheres, também sendo relacionada à virilidade. Contudo, a identidade masculina desses trabalhadores será abordada no próximo tópico. Neste ponto gostaria de ressaltar a questão da honra para os trabalhadores de classes populares.

Ao estudar uma vila popular de Porto Alegre, Claudia Fonseca (2000) trás a idéia de que a principal característica da honra masculina é ser capaz de prover o sustento da família. Embora também exista a construção do “malandro”, a masculinidade deste está relacionada às suas conquistas, acionando tanto a

virilidade quando a racionalidade, ou “esperteza”, as quais Bourdieu (2003) se refere, é o homem trabalhador que é tido como honrado e respeitado pelos seus pares.

Fonseca (2000) relata que, segundo seus informantes, a fidelidade da esposa só era algo esperado pelo grupo quando seu marido era capaz de prover o sustento da família. Homens que não possuíam um trabalho capaz de atender as necessidades da família se viam em perigo de serem abandonados por sua esposa. Mesmo que efetivamente não ocorresse a traição ou separação, existia uma pressão do grupo social para que a mulher conseguisse um “marido melhor”, um “homem de verdade”.

Conforme Nereu narrou, no porto de Rio Grande havia trabalho todos os dias. E o exercido pelo seu pai dependia inteiramente de sua força. Assim, para prover o sustento de sua família ele trabalhava todos os dias transportando materiais pesados. A prova disso era a “força enorme” que ele possuía. No caso de um porto moderno, a força não é mais uma necessidade. Guindastes se encarregam de transportar as cargas, e os trabalhadores precisam de atenção para não ficar em seu caminho. Contudo existem outras características que qualificam a identidade masculina destes portuários. Nereu narra algumas das dificuldades que estes trabalhadores enfrentam.

“A gente tinha o regime, a gente tinha que trabalhar. Trabalharia dois turnos e descansava um. Tinha bastante trabalho mas depois foi diminuindo o trabalho, o trabalho foi indo pra Rio Grande e agora tá no que tá, diminuiu bastante, sabe? Agora quando agente tem um navio, com menos gente que ficou, agente trabalha em um regime direto. É uma demanda de trabalho, agente trabalha direto daí. Enquanto tiver trabalho agente vai virando trabalho, não tem aquele negócio que te falei, cada um tem o seu limite né? Tem gente que vira assim, eu já fui assim de virar mais tempo o trabalho, mas as vezes a pessoa sente e tem que descansar. Trabalha dois turnos e tem que descansar. Mas se tem uma demanda de trabalho a gente se acostuma, tem que se acostumar e o serviço não é muito pesado. Mas tem que ter atenção né? Uma coisa que tem que ter aqui no cais é atenção, toda a atenção é fundamental, por que é com aparelho e é um risco, porque agente não pode estar entrando embaixo de carga, se a pessoa estiver ligada não tem muito problema não.”

Nereu (trabalhador portuário)

Enquanto antigamente a força dos portuários era uma característica “comprobatória” da masculinidade destes indivíduos, Nereu apresenta o trabalho portuário como sendo perigoso, e requerendo a atenção destes trabalhadores. A pouca incidência de acidentes no porto é justificada pela habilidade dos trabalhadores de se manterem focados, atentos.

Mas, o principal dilema enfrentado pelos portuários é a falta de navios. Enquanto antigamente havia até três navios atracados no porto, atualmente é comum passar semanas sem que nenhum navio aporte. E o agravante é o fato dos trabalhadores receberem apenas por tonelada descarregada. Portanto, essas semanas sem navio não são remuneradas. Isso leva vários desses trabalhadores a procurarem trabalhos temporários, ou mesmo realizar pequenos empreendimentos por conta própria como a venda de Cds e Dvds, no ramo informal de trabalho.

Não é difícil deduzir que alguns desses trabalhadores conseguem empregos permanentes e abandonam o trabalho portuário. Isso fez com que, no decorrer dos anos, o contingente de trabalhadores do porto diminuísse consideravelmente. Como conseqüência, quando mais de um navio atraca no porto, os portuários acabam por realizar diversos turnos de trabalho. Isso se dá, principalmente, devido à necessidade de compensar os dias, às vezes até semanas, em que não tiveram remuneração.

Aqui se tem uma nova característica do trabalho destes indivíduos. Trabalhar durante três seguidos, sem voltar para casa, apenas dormindo por algumas horas no vestiário não é algo incomum para eles. E, o esforço envolvido nesse trabalho, levando o corpo aos seus limites, para obter o sustento de suas famílias tem um grande valor simbólico para a constituição da identidade desses trabalhadores. A honra decorrente do “trabalho duro” é um aspecto importante para o *ethos* masculino.

Não é somente na sua relação com o trabalho que esses indivíduos constituem a sua honra. É nas interações com os demais trabalhadores que a honra, como parte de suas identidades, é construída. Ela não se limita em apenas representar o cumprimento do papel de provedor da família, também está relacionada com a manutenção dos compromissos e da palavra empenhada. Um homem honrado é confiável, mantém sua palavra. Em uma conversa na qual seu

Evaristo, um trabalhador aposentado com mais de 60 anos de trabalho no cais, e Nereu, surgiu um relato do último sobre dois trabalhadores do porto.

“Tinha dois caras que trabalhavam aqui no porto e resolveram parar de fumar juntos, e um deles falou para o outro: “*Se tu me ver fumando de novo pode me chamar de sem vergonha!*”, passou um tempo e o cara nem lembrava mais, e uma hora acabou fumando, daí o outro passou e gritou: “*Ôô sem vergonha!!!*” E o outro “*o que?!*”, “*Ta fumando sem vergonha!*” e o cara teve que ficar quieto. Em outra situação não passava, mas foi ele que pediu para ser chamado de sem vergonha se voltasse a fumar. E o Seu Evaristo e eu combinamos de parar de fumar juntos, mas até agora ninguém teve que chamar o outro de “*sem vergonha*”, não é Seu Evaristo?”

Nereu (trabalhador portuário)

Transparece, na narrativa de Nereu, a importância da manutenção da honra para estes trabalhadores. O *em outra situação não passava*, demonstra o nível da ofensa que é chamar um outro homem de *sem vergonha*. A ausência de vergonha se refere a uma ausência de honra, de compromisso. Um homem, que diante dos amigos, se propõem a parar de fumar e não consegue cumprir com a palavra está se colocando numa situação de submissão ao vício, demonstrando falta de controle. E, retomando Bourdieu (2003), é característico, e esperado, dos homens que sempre estejam no controle. Ao se submeter ao vício depois de já ter se proposto a abandoná-lo, o trabalhador da narrativa estava colocando em cheque a sua honra. Assim, não foi capaz de reclamar do insulto que sofreu, pois ele próprio havia criado essa situação.

Ao citar que ele e o seu Evaristo combinaram de parar de fumar juntos, porém que ainda não tiveram que chamar o outro de *sem vergonha*, Nereu está sugerindo que a honra de ambos foi um dos motivos que lhes ajudaram a superar o vício. Não apareceu na discussão nenhum motivo médico específico além de que fumar faz mal. O incentivo desses indivíduos para parar de fumar está na palavra empenhada. Segundo Peristiany, *a honra é o valor que uma pessoa tem aos seus olhos e aos olhos da sociedade, por meio da conformação a determinadas formas de conduta*. (Rohden 2006:105).

Cabe ressaltar a jocosidade envolvida na narrativa. Mesmo que não tenha ocorrido a quebra da proposta de parar de fumar, a narrativa de Nereu levanta a possibilidade de que ele e seu Evaristo venham a chamar um ao outro de *sem*

vergonha. A jocosidade vem a exercer uma função de *brincar* com a questão da honra, ao mesmo tempo em que explicita a possibilidade de vir a perdê-la, de se tornar um *sem vergonha*. Fonseca (2000) fala sobre as jocosidades que os seus informantes apresentavam quanto a traições das mulheres. Mesmo entre os homens existiam tais piadas, e, ainda que se desse em um nível jovial, serviam para sugerir a possibilidade das traições.

A honra também se faz presente no próprio ato do trabalho. Além do papel de prover a família, o trabalho é significado pelos portuários como um qualificador do caráter do indivíduo. De modo que, o simples ato de trabalhar já se configura como parte do *ethos* masculino, independente da capacidade de prover ou não a família. Sobre esse tópico, Alceu narrou sobre como era o porto antigamente.

“Não era como hoje, cheio de burocracia, antigamente tu só metia a cabeça aqui pra dentro, não tinha o muro na época, e perguntava “*tem um lugarzinho pra mim?*” “*Bah, mas começa agora, vem cá que tem coisa para fazer!*”, “*ah, mas to com a roupa da missa, não dá para ir em casa me trocar?*” Era um navio atrás do outro. Quando faltava gente eles iam na cadeia buscar mais. Pegavam os presos com bom comportamento para trabalhar, e eles trabalhavam melhor que muitos dos outros. Bah trabalhei com o fulano que tinha matado um, o outro tinha matado duas gurias, mas era tudo gente boa. Como ficava a guarda de olho eles tinham que se comportar para continuar trabalhando. Naquela época quando tu entrava no porto não perguntavam se tu tinha estudado, da onde veio, nem teu nome.”

Alceu (trabalhador portuário aposentado)

Ao falar sobre a demanda de trabalho de antigamente do porto, Alceu apresenta os presos com bom comportamento como alguns dos melhores trabalhadores da época. Curiosamente, ele vai além dizendo que apesar de seus crimes, *era tudo gente boa*. Assim, tem-se que o trabalho vem a exercer uma função purificadora nos sujeitos da história. Embora sejam criminosos, eles trabalham bem, melhor do que alguns dos não-presos, e, portanto, são honrados. Tem a sua honra restituída através do trabalho.

É interessante analisar como existe implícita na narrativa uma crítica à burocracia atual. Antigamente o passado dos indivíduos não era questionado quando estes entravam no porto. Assim, diversas pessoas que não seriam consideradas confiáveis, e não teriam uma oportunidade de trabalhar hoje, puderam se tornar portuários, e, através do trabalho, restituir sua honra. O que Alceu critica é

o fato de que diversos dos colegas de trabalho que ele teve antigamente, e que se revelaram como *gente boa*, não teriam oportunidade de trabalhar no porto hoje, devido a burocratização que este sofreu.

Além da honra, mas ainda relacionado a ela, também existe a questão do prestígio vinculado ao trabalho portuário. Apesar de ter uma aura de trabalho típico das camadas populares, o trabalho realizado no porto é tido como mais importante em outras cidades.

Roberto é o último dos guardas portuários de Porto Alegre, pois hoje a segurança do porto é terceirizada. Roberto, assim como Nereu, é natural de Rio Grande, quando fez o concurso para Guarda Portuário já morava em Porto Alegre. Tratava-se de um concurso de âmbito estadual, e as vagas para trabalhar em Rio Grande saíram primeiro, então ele passou três meses trabalhando em Rio Grande durante a semana e voltando para Porto Alegre durante os finais de semana para ver a esposa e os filhos.

Roberto narrou que durante seu trabalho em Rio Grande, os guardas portuários eram respeitados, sendo que quando estava de uniforme ele podia pegar ônibus sem pagar. Porém quando veio à Porto Alegre, logo no segundo dia, foi abordado por um cobrador que perguntou de que regimento Roberto era. Como o seu uniforme era com um quepe branco, muito parecido com o da Polícia Rodoviária, ele disse que era da rodoviária de Alvorada, e o cobrador não voltou a incomodá-lo. Na situação relatada encontra-se explícita a situação de desprestígio do porto de Porto Alegre e de seus trabalhadores. Enquanto em Rio Grande o porto é uma das figuras centrais da cidade, em Porto Alegre o cobrador do ônibus não foi capaz de reconhecer o uniforme de guarda portuário.

Também cabe apresentar que o trabalho portuário não requer um capital cultural elevado. Na narrativa de Henrique¹⁷ se tem que alguns dos trabalhadores do cais só teriam serventia ali dentro. Assim, ao mesmo tempo em que o trabalho é constituinte da honra desses indivíduos, ele está vinculado a um local, o porto, que é tido como desprovido de prestígio. Portanto, tem-se que a honra destes

¹⁷ Ver página 29

trabalhadores geralmente só é acionada quando se relaciona com pessoas relacionadas ao seu próprio grupo, no caso, os demais trabalhadores do porto e o seu círculo social pessoal.

Assim, o trabalho se revela como um importante constituinte da identidade destes trabalhadores. Representando tanto uma ancestralidade do trabalho portuário, ao relatar histórias dos portos de Rio Grande e do passado do porto de Porto Alegre, quanto configurando um modo de acionar seu senso de pertença a este grupo. Pois, as relações de amizade estabelecidas entre esses trabalhadores se deram a partir da relação de trabalho que estes possuem. E, mesmo que durem para além destas, como demonstra a grande quantidade de trabalhadores aposentados que frequentam o porto, ela se torna uma identidade em comum para estes indivíduos, algo que compartilham entre si.

Já a honra se constitui como um diferenciador entre esses trabalhadores. Pois, enquanto todos executam o mesmo trabalho, alguns se mostram mais “confiáveis” do que os outros. Nem todos se dedicam a trabalhar três dias seguidos. Alguns só trabalham quando precisam, não apresentando nenhum planejamento ou interesse em acumular dinheiro para as épocas de pouco movimento no cais. Conforme Henrique narra¹⁸ embora exista união entre os trabalhadores, sempre há as *cobras*, mas eles aprendem a conhecê-las e a tirar seu veneno. Assim tem-se que a honra é uma maneira de determinar as relações de amizade destes trabalhadores. De mesmo modo ela é usada para justificar eventuais desavenças entre eles. As quais são atribuídas ao *veneno*, falta de caráter, do antagonista.

Portanto, tem-se que tanto o trabalho quanto a honra são valores importantes da construção da identidade social destes indivíduos.

¹⁸ Ver página 29



Os Guerreiros da Pedra II – Patrick Barcelos 2009



Os Guerreiros da Pedra III – Patrick Barcelos 2009



Os Guerreiros da Pedra IV – Patrick Barcelos 2009

II.III.II – Masculinidade e domesticação dos corpos

A questão de gênero é um elemento importante ao abordar a identidade dos trabalhadores do porto. Assim, a idéia da “incorporação da dominação masculina” de Pierre Bourdieu (2003), é fundamental aqui.

Para o autor, a identidade masculina é constituída de elementos como a racionalidade, ou ausência de sentimentalismo, a dominação, ou não submissão, e virilidade, que se relaciona tanto em relação a sexo e procriação quanto à coragem. Tais elementos são parte de esquemas inconscientes de percepção do mundo. Tais esquemas dividem o mundo entre um pólo masculino e um feminino, oposto. Seco, alto, fora, aberto, vazio são masculinos; úmido, baixo, dentro, fechado, cheio são femininos. Tais separações foram socialmente construídas para uma melhor compreensão do mundo social, e afirmação dos papéis sociais dos sujeitos. Estas divisões deram origem aos aspectos sociais do masculino e do feminino.

A coragem é tida como uma característica masculina intentando legitimar seu papel de dominação perante as mulheres. Perante situações sociais envolvendo mulheres percebe-se uma necessidade de imposição do sexo masculino, demonstrando sua bravura e racionalidade.

Tal definição pode ser exemplificada através da seguinte narrativa de Alceu.

“eu estava na parada de ônibus, e tinha um casal novo, o guri devia ter a tua idade, bem vestidos, com celular e uma câmera digital na mão. Passou um cara mal vestido por mim, de bicicleta, passou assim perto, e parou na frente do casal. Não deu para ver se puxou um revólver ou não, mas o guri entregou os celulares e a câmera na boa, e o cara foi embora na bicicleta. É uma vergonha, o guri nem tentou defender nada.”

Alceu (trabalhador portuário aposentado)

O que Alceu considera uma vergonha não é especificamente a violência da cidade, o assalto em si, mas sim a passividade do guri. Também a ausência de atitude dele diante de uma situação de perigo onde a namorada estava envolvida. Segundo a teoria de Bourdieu (2003), a atitude de passividade do rapaz vai contra o papel masculino que ele deveria executar. Além de ter sido submisso ao assaltante, ele também falhou em proteger a companheira. Sendo que, ainda segundo o autor,

as mulheres também se pautam nessa definição de masculinidade para a escolha de seus maridos. Portanto, esse *ethos* masculino não é simplesmente um legitimador da dominação masculina. Mas também possui um papel relevante nas relações sociais, na medida em que se trata de uma dominação aceita socialmente, tanto pelos dominadores quanto pelos dominados.

É muito provável que a namorada do garoto da história não tenha o repreendido pela sua passividade. Pois no contexto de uma sociedade complexa (Velho 1994) existem diversas outras identidades em jogo, e mesmo que não reagir a uma agressão contrarie o *ethos* masculino, existem outras identidades que justificam essa passividade. Por exemplo, uma identidade “intelectual” pode condenar uma resposta física ao assalto, permitindo que o herói da história consiga manter sua posição social intacta, como um homem e um intelectual.

Mais interessante do que analisar a história em si, é questionar o espanto de Alceu frente à atitude do rapaz. Conforme dito anteriormente, em uma sociedade complexa (Velho 1994), indivíduos com diversificadas visões de mundo (Geertz 1989) se relacionam e negociam suas realidades. Assim, Alceu não está limitado apenas a sua identidade como homem. Existem diversas outras identidades em jogo, que são acessadas de acordo com as pessoas com as quais se relaciona. E, o fato de uma forte identidade masculina ser apresentada naquela situação, onde ele estava narrando um acontecimento para alguém que pretende pesquisar sobre o porto, é muito significativo para compreender a identidade desses trabalhadores portuários.

O *ethos* masculino (Bourdieu 2003) não se faz presente apenas no aspecto da coragem. Também existem narrativas que valorizam a virilidade desses homens, como o relato que Nereu contou sobre uma sessão de fotos que teve no cais.

“Uma vez, foi ano passado até, teve um cara aqui junto com uma mulher um pouco mais alta, vestindo um casaco fechado. Ele perguntou se podia tirar umas fotos, eu respondi que poder não pode, mas vai ali atrás porque se ninguém ver não tem problema. Daí, depois de um tempo eu fui ver, e rapaz, a mulher tava com o casaco aberto só de calcinha, tigrada sabe?, e o cara “*clack, clack, clack*” batendo fotos, e a mulher de braços abertos na porta do armazém, e era finalzinho de tarde, o porto sol é lindo aqui. Ela era linda, mas não devia ser modelo profissional, acho que tava só tirando umas fotos, book que chamam não? Daí cheguei no cara e perguntei “*Bah, posso tirar uma foto com ela?*” ele deixou e fui lá, tirei foto abraçado com ela. Eu pedi para ele mandar as fotos, ele perguntou se tinha email, na

hora nem me liguei de dar o email do sindicato, daí falei para ele passar aqui para trazer as fotos. Nunca mais o cara passou aqui.”

Nereu (trabalhador portuário)

Nesta narrativa, a virilidade se faz presente no ato de tirar foto abraçado à modelo. Pois mesmo não se tratando de uma conquista romântica efetiva, houve o consentimento para tirar a fotografia. E, tal situação apenas ocorreu devido à iniciativa de Nereu de pedir pela foto, de modo que fica implícita a conquista, principal característica da virilidade masculina (Bourdieu 2003).

Outro autor pertinente à análise da identidade dos trabalhadores é Michel Foucault. Em seu livro *Vigiar e Punir* (Foucault 1987), o autor traz as maneiras como se pode perceber um soldado apenas pela sua postura corporal. Demonstrando o modo como uma série de treinamentos e disciplinações, transforma o corpo de pessoas diversas no corpo de um soldado “normal”.

Através de sanções sociais impostas por sujeitos em situações de poder, os subordinados eram disciplinados, passando de pessoas “comuns” a indivíduos normatizados. Estes compartilhavam uma determinada forma através de sua postura corporal em comum. Tal doutrinação não se limita a aspectos corporais, os hábitos destes sujeitos também são modificados. O exemplo do soldado apresentado por Foucault é diretamente relevante para essa pesquisa, pois se faz presente em uma das narrativas de Nereu.

“Eu fui criar cabeça quando entrei no exército, antes eu não queria nada com nada. Mas foi só eu ir para a prisão uma vez que eu aprendi. Meu filho mais velho também serviu, antes ele não tinha hora para nada, agora acorda bem cedo. Lá o cara faz a cabeça, fica sério....”.

Nereu (trabalhador portuário)

Essas sociabilidades diversas, primárias (família) e secundárias (escola, exercito, igreja) são contextos em que os valores de construção social da identidade são transmitidos (Berger e Luckmann, 1983).

Esse “criar cabeça” é recorrente nas falas dos informantes. “Ser homem” para eles está relacionado a ter responsabilidade. E essa não é uma característica nata,

ela é aprendida socialmente. Inicialmente pela família, e posteriormente outros espaços de transmissão dos valores predominantes no “mundo masculino” como no exército. Também é relevante trazer que a influência não se dá apenas na relação de subordinação aos oficiais superiores, a que os soldados são submetidos. Pois a construção deste “soldado” também se dá através das relações sociais entre os próprios candidatos a soldados, seu senso de pertença a um determinado pelotão é algo essencial para a normatização desses corpos.

“O desfile militar aqui em Porto Alegre era na João Pessoa, não tinha o corredor de ônibus, colocavam as arquibancadas e ficava aquela avenida largona. O governador e todo mundo assistia, e O comandante do regimento disse: “*Se vocês fizerem um desfile perfeito estão de folga no final de semana*”. Daí quando entramos anunciaram no auto-falante: “*E agora o décimo nono batalhão, considerado o leão da serra*” Bah, quando ele falou leão da serra, o sangue sobe velho, e a gente não pensa em mais nada! Parecia que ia rachar o chão, todo mundo marchando igual dando aqueles estouros *pow, pow, pow*, e quando passamos pelo governador, o comandante “*Armas!*” e todo mundo *clack* apresentando as armas e *pow* colocando no outro ombro, andando assim olhando para o governador. Falaram que o nosso foi o melhor desfile que teve. E o comandante “quem vai para a Glória, e para aqueles lados já pode ir descendo” e os outros foram descendo no caminho, o certo era voltar para o quartel, mas o comandante ficou tão satisfeito que já foi liberando o pessoal pelo caminho.”

Nereu (trabalhador portuário)

A narrativa não apenas exemplifica a normatização dos corpos de que Foucault (1987) fala, mas também demonstra que esta é uma característica incorporada à identidade desses sujeitos. Assim torna-se motivo de orgulho ter feito parte do décimo nono batalhão. Também deve se ter em mente que o exército se constitui em uma experiência de vivência social, e que esta identidade de soldado, pertencente ao décimo nono batalhão, é compartilhada pelos demais indivíduos que fizeram parte deste. Não foi apenas em Nereu que ressoou ter sido chamado de *leão da serra*, todos os membros do batalhão tiveram a mesma reação. O resultado foi um desfile totalmente sincronizado, considerado *o melhor desfile que teve*, exemplificando a teoria de Michel Foucault (1987) sobre a domesticação dos corpos.

Também é interessante analisar a recompensa devido à perfeita disciplina dos soldados. Ao invés de terem de retornar para o quartel, como é a norma, eles foram sendo liberados pelo caminho, conforme lhes era mais conveniente. Assim

tem-se uma curiosa consequência dessa domesticação. Segundo Foucault (1987), enquanto ela objetiva domesticar os indivíduos e fazê-los suscetíveis a normas e regimentos das instituições detentoras de poder. A recompensa por ser disciplinado se apresenta como uma quebra das regras estabelecidas. Deste modo, o exército, para estes indivíduos, não se configurou como um espaço onde ocorreu uma total domesticação de seus corpos. Mas, foi onde eles desenvolveram a responsabilidade de agir conforme a situação social demanda. O “criar cabeça” pode ser compreendido como saber transitar entre os diversos níveis do mundo social. Ser capaz de se portar como um soldado durante um desfile, ter uma atitude atenta durante o trabalho no porto, e uma aparência jovial durante festividades.

Portanto, tanto as características masculinas socialmente instituídas (Bourdieu 2003), quanto incorporadas através da domesticação de seus corpos e atitudes (Foucault 1987) são relevantes para a constituição da identidade destes trabalhadores portuários.

Capítulo III

NARRATIVAS E FOTOGRAFIAS

“A fotografia envolve uma série de processos mecânicos, ópticos e químicos associados que se encontram entre o objeto e a sua representação fotográfica. Cada passo do processo nos leva para mais longe do objeto e mais perto da cópia fotográfica. Por mais realista que seja a fotografia, ela nunca é o mesmo que o objeto e está separada deste pelas várias influências do sistema fotográfico. O fotógrafo talvez possa até optar por enfatizar ou minimizar tal “distanciamento da realidade”, mas não pode eliminá-lo.”

Adams 2002

III.I – Apresentação

As narrativas e fotografias são partes essenciais desta pesquisa, e a sua constituição também é digna de análise. Elas não são de um único narrador, elas são contadas em grupo, para o grupo, e sobre o grupo. A forma da circulação da palavra nesses encontros, bem como a “autoria” dessas narrativas, é abordada neste capítulo.

Também se apresenta a metodologia fotográfica contida nesta pesquisa etnográfica, analisando a constituição e a apresentação das fotografias realizadas. As quais também são produtos de construções coletivas, resultantes da situação etnográfica.

Deve-se ter em mente que este capítulo se constitui em uma análise da situação etnográfica vivenciada durante a pesquisa, de modo que não se propõe uma retomada analítica das narrativas e fotografias aqui apresentadas. O objetivo deste tópico é dissertar sobre o papel da narrativa e da fotografia nesta pesquisa, sobre os posicionamentos em campo, e sobre as decisões de apresentação que foram tomadas neste escrito.

III.II – A constituição da narrativa

Na obra *Tempo e Narrativa* (Ricouer 1994) Paul Ricouer se propõem a estudar a constituição das narrativas. A forma como elas são contadas, assimiladas e recontadas. Buscando, assim, compreender a articulação que o ato da narrativa possui para com a experiência temporal humana. Para tal, o autor traz a idéia de *tríplice mimese*, segundo a qual o narrador, no ato de narrar a história, se apropria do “tempo do mundo”, o decompõe a seus pontos fundamentais, e o recria durante o ato narrativo, transformando-o em um “tempo humano”.

O tempo do mundo seria o tempo histórico, cronológico, que é compartilhado pelas pessoas. Cujos pontos de referência são constituídos principalmente pelas datas do calendário. Trata-se de um tempo impessoal, no qual os acontecimentos são tratados como fatos, que podem ser interpretados, quantificados, qualificados, mas que não ressoam nos indivíduos, não fazendo parte da sua *rede de significados* (Geertz 1989).

Já o tempo humano corresponde ao tempo experienciado pelos sujeitos. O tempo humano é subjetivo, ele pode ser objetivado através de uma categorização por datas ou locais, mas ele é formado principalmente por elementos subjetivos do narrador e não apenas por fatos documentados de forma neutra. Devido ao significado que estas narrativas possuem para os indivíduos elas jamais serão contadas de forma objetiva, pois a narrativa estará carregada da subjetividade do narrador, de suas opiniões e sentimentos sobre o que está sendo narrado. Isto não reduz o valor do tempo humano, na verdade o engrandece. Pois, enquanto o tempo do mundo fala sobre um espaço neutro, o tempo humano nos diz muito sobre o próprio narrador.

Efetivamente, toda narrativa se dá no plano do tempo humano. Mesmo os livros de história são impregnados das percepções de seus autores. Pois, o ato de narrar consiste justamente em absorver um acontecimento que não nos é familiar e reproduzi-lo a partir de nossas percepções. O tempo do mundo é apenas o tempo sobre o qual não refletimos, não significamos. É nisso que consiste a importância etnográfica da narrativa, pois ela não traz apenas dados de campo, ela desvela a identidade dos informantes. A decomposição da narrativa aos seus pontos fundamentais não consiste apenas de uma análise das informações recebidas.

Trata-se de um jogo de interpretações, entre os significados expostos pelo autor da narrativa e os do próprio receptor desta. Ao nos confrontarmos com uma narrativa, estamos submetendo-a a toda nossa *rede de significados* (Geertz 1989), concordamos com alguns pontos, discordamos de outros; nós irritamos, divertimos; temos asco ou desejo; A expressão popular “existe gosto pra tudo” significaria, neste contexto, que os resultados entre os choques de significados produzidos entre as narrativas e os ouvintes, entre dois ou mais sujeitos, são inúmeros, impossíveis de prever ou qualificar. O mesmo escrito pode ter os mais diversos respaldos, tudo depende da relação que é estabelecida com o receptor.

As histórias com as quais nos defrontamos não possuem uma significação nossa. Nós as confrontamos com os nossos significados a fim de as compreendermos. Não compreendê-la significa que ela não ressoa em nossa *rede de significados* (Geertz 1989). A *tríplice mimese* de Ricoeur (1994) não reflete apenas o ato de transmitir narrativas, mas também de apreendê-las. O processo de compreensão do mundo é subjetivo. Disso não se deve entender que existem mundos diferentes, mas sim percepções diferentes do mesmo mundo, significações diversas. Portanto narrar algo é sempre narrar a sua própria percepção sobre esse fato. É agenciá-lo com a nossa *rede de significados* (Geertz 1989). O ato de narrar consiste na apropriação da narrativa.

Deve-se ter em perspectiva que as narrativas estão localizadas dentro de um determinado tempo. Uma relação entre narrador e ouvinte pode ter um resultado completamente diverso, dependendo do tempo em que se situa. Pois as significações dos sujeitos estão em constante transformação. Portanto, deve-se compreender que um indivíduo não é apenas alguém dotado de uma *rede de significados* (Geertz 1989) singular, mas que esta também está delimitada num certo tempo.

III.II.I – Narrativas compartilhadas

No caso desta pesquisa, grande parte das narrativas não se deu através de um único narrador. Diversas vezes Nereu incentivava os outros trabalhadores a contar histórias, algumas que ele próprio conhecia. Também se deve ter em mente que várias dessas histórias eram sobre outros trabalhadores portuários, sendo que o tom da narrativa variava muito dependendo de quem fazia parte da conversa.

O *fazer parte da conversa* se refere a quem estava participando desta. Pois, a similaridade de um bar, as narrativas se davam em rodas, onde ocorre uma circulação da palavra diferente da existente em uma entrevista, ou mesmo em uma conversa entre duas pessoas. Essa *forma social* (Simmel 1983) vem a tornar a constituição da narrativa mais complexa. Primeiramente, se trata de uma narrativa que esta sendo destinada a mais de um receptor, e, ao contrário de um livro ou filme, estes receptores podem manifestar suas reações imediatamente, sendo muito comum que os participantes da roda interviessem na narrativa para realçar alguns pontos, e dar, ou pedir, mais detalhes sobre determinado detalhe. Neste caso, a autoria da narrativa se torna difusa. Ela não está mais limitada à relação entre dois indivíduos num certo momento. A autoria da narrativa se encontra inclusa na relação social estabelecida.

Ao afirmar que as *formas sociais* deveriam ser os objetos de estudo da sociologia, Simmel (1983) propõe que estas possuem a mesma importância que o “conteúdo” destas relações. E que, através dos diversos arranjos que estas formas tomavam é possível perceber as transformações pela qual uma determinada sociedade passou.

No caso das “conversas de bar” que ocorrem no sindicato do porto, elas podem ser tidas como uma forma característica masculina. Pois, existe uma relação de igualdade na disposição de seus participantes. Ninguém se encontra subordinado a outro membro do grupo, de modo que é possível uma circulação igualitária da conversa. Isso é justificado como um aspecto masculino a partir da teoria de Bourdieu sobre *a dominação masculina* (2003). Segundo esta, os homens são socialmente incitados a serem dominantes em qualquer situação, nunca os dominados. Contudo, esta competição se torna exaustiva para os indivíduos. De modo que ela só é acionada quando lhes é exigido socialmente. Assim, o *ethos*

masculino apresentado por Bourdieu (2003) é ignorado em prol de uma relação social menos conflituosa. Em uma situação onde só existem homens, estes tendem a afrouxar as amarras que os prendem a esta figura dominante, geralmente através de jocosidades. Contudo, tal quebra das regras sociais só é possível devido à convivência entre os sujeitos envolvidos, se dando sempre no plano privado.

Assim, é possível pensar a atitude que os homens assumem ao se relacionar em ambientes públicos, como um bar. A semelhança do que ocorre em situações de cumplicidade, é evitada uma situação de superioridade de algum dos envolvidos, pois isso ocasionaria um conflito que seria prejudicial ao estabelecimento de laços sociais. Também se deve considerar que, ao mesmo tempo em que se requer uma equidade entre as posturas dos envolvidos, também se é esperado que cada um deles possua o seu próprio espaço. Existe uma distância física mínima, construída socialmente, que é tida como aceitável entre dois homens. A quebra dessa distância só é aceita em casos onde existe uma maior intimidade entre os envolvidos, seja uma relação de amizade ou de parentesco.

Portanto, ao relatar que se tratava de uma *forma de conversa similar à de um bar*, estou me referindo a uma ausência de relação de dominação entre os envolvidos, concomitante com um respeito, socialmente instruído, ao espaço individual de cada um deles.



Roberto, Tigrão e Nereu - Patrick Barcelos 2009



Henrique e Nereu - Patrick Barcelos 2009



Conversa Circular – Patrick Barcelos 2009

III.III – A grafia da fotografia

A fotografia pode ser descrita através dos processos mecânicos e químicos que a constituem. Contudo, antes dessas etapas encontra-se a intenção do fotógrafo.

A fotografia é a representação de um determinado recorte espacial e temporal. Trata-se de objetivar um determinado instante. Assim, à parte dos processos objetivos que constituem a fotografia, é possível dissertar sobre esta à partir dos aspectos subjetivos do ato fotográfico.

Ansel Adams (2002) propõe a técnica da *visualização* para a fotografia. Ela consiste no esforço de imaginar o objeto da fotografia reduzido as duas dimensões e as tonalidades das quais a cópia fotográfica dispõem. Tal esforço se faz necessário porque o resultado do processo fotográfico sempre será uma representação do objeto fotografado. O autor pode tentar se aproximar da realidade deste objeto, ou jogar com essa representação afastando-se do objeto real, mas não pode reproduzi-la totalmente.

Apesar de aparentemente simples, a idéia de *visualização* não se limita apenas a imaginar o resultado fotográfico. A proposta de Adams (2002) é que o fotógrafo visualize o mundo a partir das limitações da fotografia.

Mesmo que se construísse uma câmera fotográfica cujas lentes tivessem a mesma capacidade do olho humano, a fotografia ainda estaria limitada ao registro de um mero instante. Ser capaz de condensar uma ação num único instante é o maior desafio da *visualização* (Adams 2002). O recorte espacial da fotografia pode ser simulado por um cartão recortado no tamanho correto, e a capacidade de processamento de cores das máquinas fotográficas modernas é o suficiente para agradar os mais exigentes fotógrafos, contudo, todos nós estamos limitados a realizar fotografias que *congelam* um instante da realidade. O recorte temporal é constituinte da fotografia. Ao se optar por realizar uma fotografia em detrimento do uso de um vídeo, esta se definindo uma predileção por este recorte.

O ato de fotografar não requer o uso da *visualização* de Adams (2002). O público alvo do autor são aqueles fotógrafos que pretendem usufruir de todas as possibilidades do recurso fotográfico, de modo que a visualização se constitui numa

valiosa técnica para quem pretende utilizar a fotografia como parte da metodologia de uma pesquisa etnográfica.

As fotografias desta pesquisa foram construídas dentro da situação etnográfica. Embora tenham sido feitas por mim, diversas delas foram feitas a pedido dos trabalhadores, representando tanto momentos que eles gostariam de “guardar”, quanto a situações que eles queriam me mostrar. Assim, por vários momentos tive meu olhar guiado por estes portuários, que me apontavam as coisas e situações que eram importantes para eles. Deste modo, torna-se necessário refletir sobre a intenção fotográfica destas fotos.

Conforme apresentado anteriormente¹⁹, as fotografias desta pesquisa se construíram em uma situação na qual eu me via como pesquisador, mas também estava sendo “educado” pelos trabalhadores. Assim, enquanto a autoria da fotografia pode ser atribuída a quem a realiza, a intenção por trás desta remete a situação etnográfica. Portanto, retomando Adams (2002), estas fotografias não se propõem a uma restauração fiel do porto ou de seus trabalhadores. Elas foram construídas a partir da situação etnográfica, e devem ser analisadas tendo em vista a relação entre o “pesquisador” e os “nativos”. Ela se configura como a objetivação das trocas estabelecidas durante a etnografia. Sendo dotada dos conhecimentos que eles se esforçaram para transmitir. E que eu me empenhei em apresentar neste escrito.

¹⁹ Ver capítulo II.II.III – De etnógrafo à fotógrafo.

III.III.I – A fotografia como escrita

A fotografia não deve ser vista como uma mera ilustração de uma realidade. Ela pode ser tão provida de saberes e significados quanto um escrito textual. Segundo Adams (2002), a fotografia é sempre uma reprodução, nunca uma réplica exata da realidade. Portanto, também lhe é possível atribuir a mesma “liberdade autoral” que a um texto.

Por definição a fotografia é um recorte temporal. Ela congela um instante de uma ação. E, mesmo que se realizem diversas fotografias de uma mesma ação, tudo o que se terá é uma coleção de instantes. Assim, ao se apresentar uma seqüência de fotografias, ou uma única fotografia, se está recontando uma ação, mas não é possível reconstruí-la fielmente.

Ao assumir a fotografia como um tipo de escrito, é possível se apropriar da *tríplice mimese* (Ricouer 1994) para estudá-la. Assim como o texto, a fotografia também passa pela recepção do objeto real, sua decomposição através do recurso fotográfico, e a exibição da cópia fotográfica. A *visualização* de Adams atravessa todos esses aspectos em sua trilogia sobre fotografia. Respectivamente, nos livros *A Câmera* (Adams 2002), *O Negativo* (Adams 2002B) e *A Cópia* (Adams 2000).

A manipulação do filme negativo e da cópia fotográfica propostas por Adams (2002B e 2000) ressalta o caráter autoral da fotografia, e seu distanciamento de uma realidade neutra em prol da subjetividade da intenção fotográfica. Ao realizar uma fotografia, tem-se uma determinada intenção. A qual pode ser realçada após a captura da imagem pela câmera. Seja por manipulação da imagem, ou pelo formato adotado para exibi-la.

No presente escrito se optou por apresentar todas as imagens em preto e branco, apesar destas terem sido realizadas a cores. O motivo desta decisão é a intenção de que estas imagens estejam mescladas ao texto. Elas narram e significam tanto quanto as falas dos portuários transcritas. Ao se abdicar das cores, se reduziu o espectro da tonalidade destas fotografias ao mesmo das palavras aqui presentes. Essa decisão também foi tomada visando favorecer as formas presentes na imagem fotográfica. O que está relacionado à importância que a teoria das

formas sociais (Simmel 1983) tem para essa pesquisa, principalmente para apresentar a forma das narrativas dos trabalhadores.

Exceto pela primeira fotografia, todas as demais foram apresentadas em grupos de três imagens. Embora nem todas tenham sido realizadas na ordem que estão apresentadas, sua apresentação visa contribuir para a discussão levantada no capítulo onde se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a escrita desta monografia foi levantada a questão de como se dá a construção da identidade dos trabalhadores portuários de Porto Alegre. Cabe agora, refletir sobre os dados construídos até esse ponto.

Conforme foi apresentado, o trabalho se constitui como um fator importante na construção da identidade social desses portuários. Por se tratarem de indivíduos provenientes de camadas populares, o trabalho em si já possui uma grande relevância para estes, pois, além de ser necessário para a sobrevivência, trabalhar também é um importante fator para ser aceito socialmente por este grupo. Embora seja recorrente a presença de *malandros* nestas camadas, segundo Fonseca (2000), a aceitação destes costuma estar vinculada a outros laços que os indivíduos possuam. Assim, um *malandro* pode ter suas atitudes elogiadas por um irmão, mas as mesmas atitudes são apontadas como vergonhosas pela sua vizinha. Portanto, o trabalho se constitui como um importante meio de aceitação social para esses indivíduos.

Também se deve considerar que o trabalho portuário está impregnado por um *ethos* masculino (Bourdieu 2003). A imagem do trabalhador portuário como provido de uma grande força não é tão ancestral quanto pode parecer à primeira vista, sendo que representava a realidade dos portos gaúchos até poucas décadas atrás. O pai de Nereu, por exemplo, correspondia a esse ideal de trabalhador portuário. Assim, tem-se essa figura do trabalhador dotado de grande força física como algo recorrente nas narrativas destes portuários. E, conforme a tecnologia passou a realizar o trabalho físico que era exigido destes indivíduos, e o volume de navios diminuiu, a imagem da força destes trabalhadores foi transformada em resistência, atenção e coragem. A primeira para suportar os dias seguidos de trabalho que eles enfrentam quando há trabalho no cais; a atenção necessária para lidar com os guindastes e demais máquinas, seja para operá-las ou para evitar ficar em seu caminho; e a coragem reflete a capacidade de lidar com os perigos que envolvem o trabalho portuário, que se apresentam desde acidentes com as máquinas quanto o risco de cair na água. Assim, enquanto trabalhadores portuários, eles se constituem como indivíduos que, ancestralmente, eram providos de grande força física, e que hoje são dotados de resistência, atenção e coragem. Tais características corroboram

para a constituição de uma forte identidade masculina, nos moldes da teoria de Bourdieu (2003), por parte desses indivíduos.

A honra também se apresenta como um fato importante para eles. Assim como no caso dos informantes de Fonseca (2000), os portuários dispõem de diversas jocosidades nas quais levantam suspeitas sobre a honra dos colegas. Enquanto nos casos apresentados pela autora as piadas se referiam a suspeitas de traição por parte das mulheres, as jovialidades do porto possuíam uma maior variedade.

Por se tratar de um ambiente exclusivamente masculino, as jocosidades tendem a se concentrar em aspectos do caráter dos indivíduos. Geralmente abordando questões de trabalhadores que bebiam demais; gastavam todo o dinheiro com mulheres; ou só se dispunham a trabalhar quando precisavam de dinheiro, não apresentando nenhum planejamento para as épocas de pouco trabalho do porto. Devido à união existente entre esses trabalhadores, a qual eles afirmam com orgulho, não existe uma discriminação para com os desviantes, as *cobras* como Henrique fala²⁰, eles não são excluídos do grupo, os demais trabalhadores aprender a lidar com eles, lhes *tirar o veneno*, ou seja, incorpora-los ao grupo. Assim, tem-se que as jocosidades servem como meio de lidar com estes indivíduos que “perturbam” a relação do grupo. E, que o ser honrado para os trabalhadores se configura como um requisito para pertencer ao grupo social destes.

A domesticação dos corpos (Foucault 1987) destes indivíduos, explicitada em suas narrativas do período em que serviram ao exército, se apresentam como parte importante da sua socialização como homens. O *criar cabeça*, citado por Nereu, pode ser compreendido como a capacidade de transitar pelos diversos níveis sociais. De ser capaz de compreender a importância do trabalho, e de valorizar uma vida regrada.

Portanto, a construção da identidade social destes trabalhadores portuários se dá através de seu convívio em diversos círculos sociais. Tanto familiar, militar, quanto portuário. Mas, como particularidade, eles possuem uma identificação com

²⁰ Ver página 29

uma imagem ancestral de trabalhadores portuários. Como indivíduos dotados de grande força e que realizam um trabalho perigoso.

Atualmente, força foi substituída pela atenção com as máquinas e pela resistência para trabalhar por diversos turnos seguidos. Mas ainda é presente um sentimento de orgulho por ser um trabalhador do porto. O qual é explicitado pelo desejo que estes trabalhadores falam de que, apesar da intermitência dos navios, eles não pretendem deixar o porto.

DADOS TÉCNICOS DAS FOTOGRAFIAS

As fotografias foram realizadas utilizando uma câmera digital Nikon D40, com lente AF-S Nikor 18-55mm e filtro UV.

As fotografias foram geradas em formato JPG no tamanho 3,008 x 2,000 pxls, 6.0 MP, coloridas.

A edição das fotografias para o modo monocromático preto e branco foi realizada através do software Adobe Photoshop CS4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Tomo Editorial. Porto Alegre. 1997.
- ADAMS, Ansel. *A cópia*. Editora SENAC. São Paulo. 2000.
- ADAMS, Ansel. *A câmera*. Editora SENAC. São Paulo. 2002.
- ADAMS, Ansel. *O negativo*. Editora SENAC. São Paulo. 2002 B.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro. Ed Bertrand Brasil. 2003.
- CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Companhia das letras. São Paulo. 2004.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre. Ed. Universidade/ UFRGS. 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ. Editora LTC, 1989.
- GUIMARAENS, Rafael. *A enchente de 41*. Porto Alegre: Libretos. 2009.
- MELLO, Luciana de. *Etnografia do bairro Navegantes (Porto Alegre-RS) : transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Eckert, Cornelia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre. 2008.
- RICOUER, Paul. *O tempo e narrativa (tomo 1)*. Editora Papirus, Campinas SP. 1994.
- ROHDEN, Fabíola. *Para que Serve o Conceito de Honra, ainda hoje?* Campos Revista de Antropologia Social. Volume 7. Edição 2. 2006

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organizador (da coletânea): Evaristo de Moraes Filho. Editora Ática. São Paulo. 1983.

TITTONI, Jaqueline. *Subjetividade e trabalho*. Porto Alegre : Ortiz, 1994.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1994